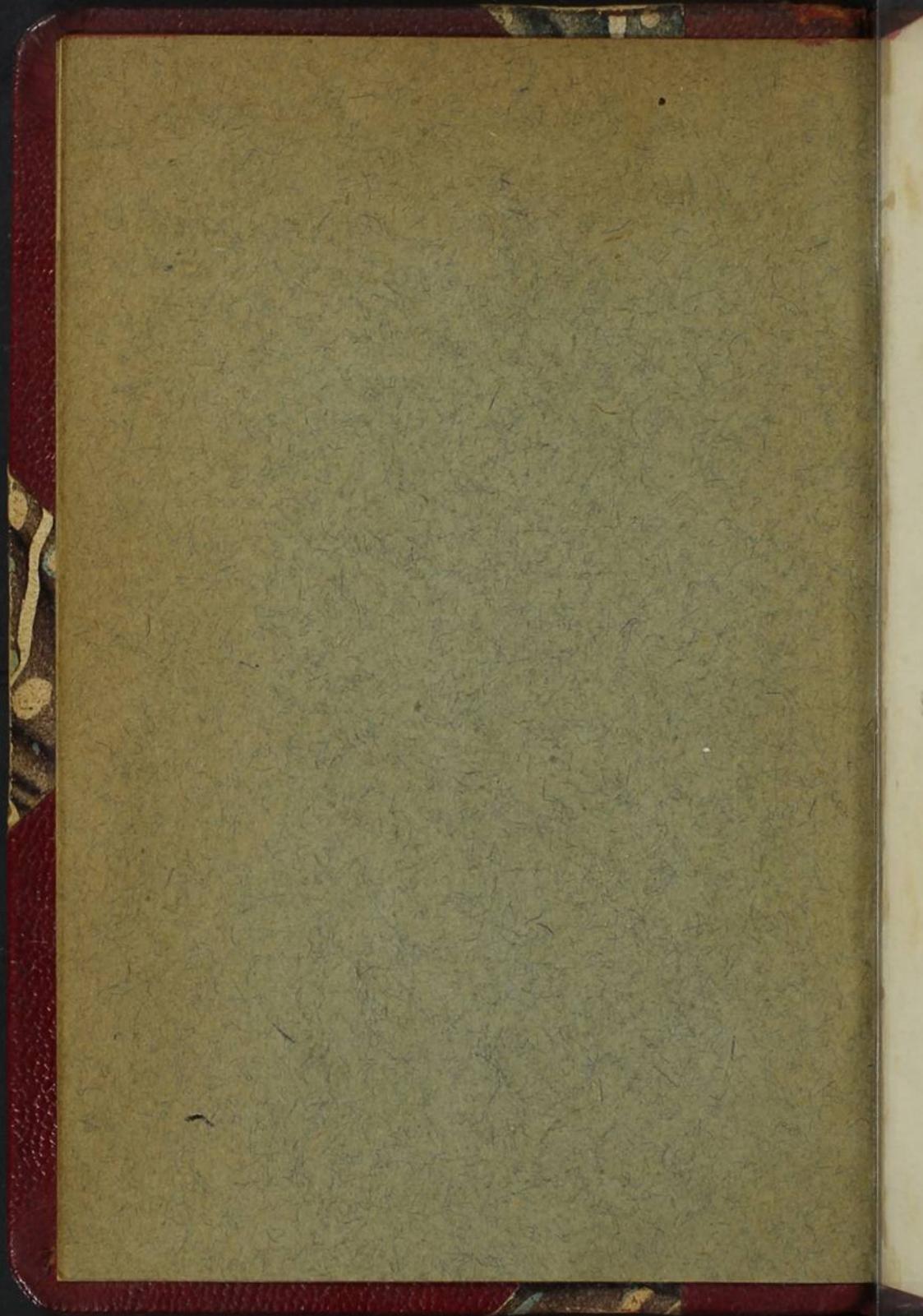




**TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO**

WERNER, LIMA & Cia.

**R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO**



9/11/11

CONTOS

DE

ALFREDO DE MUSSET

TRADUÇÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA

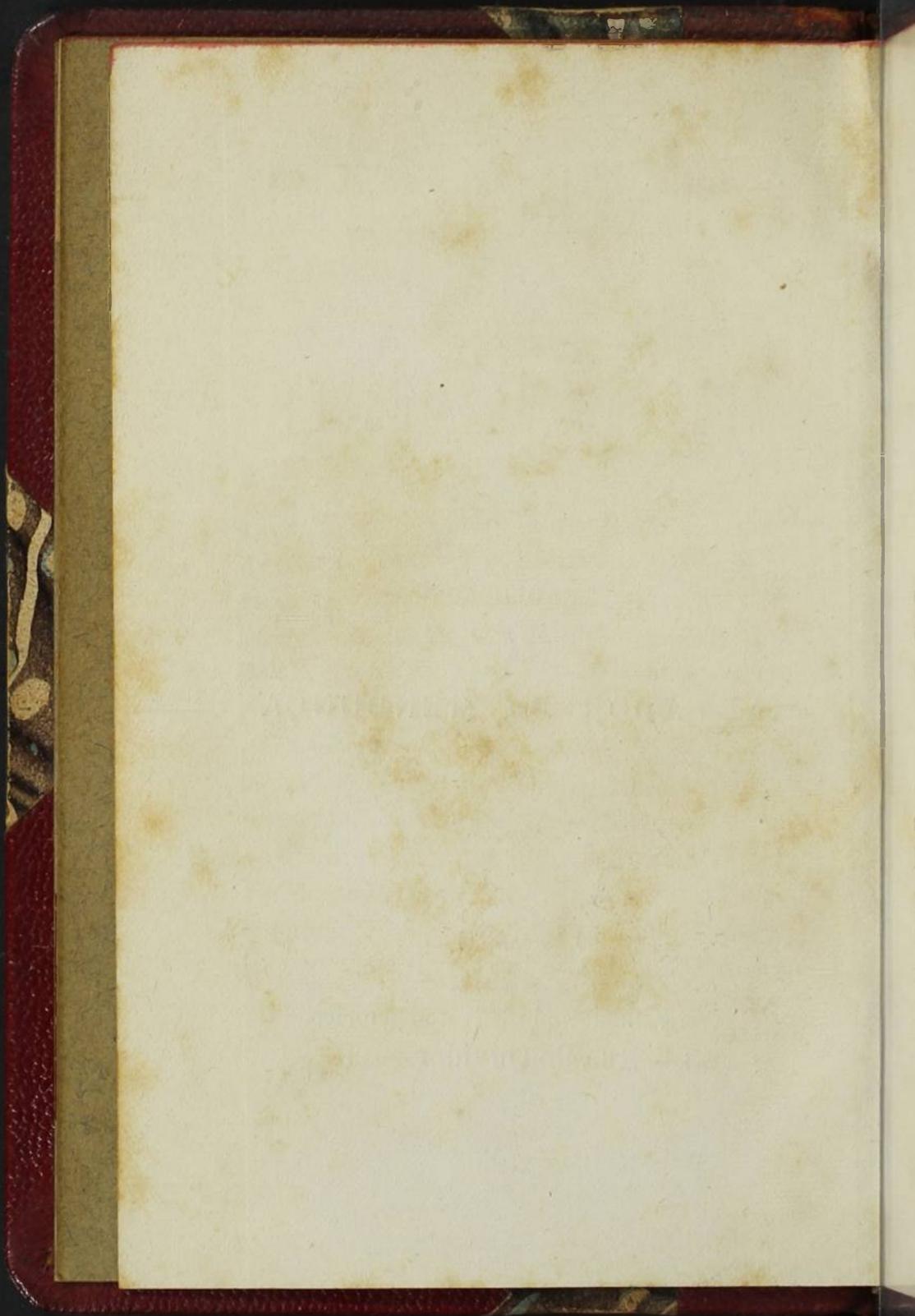


RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier

Livreiro-Editor do Instituto Historico

65 — Rua do Ouvidor — 65



A PINTA

I

Em 1756, quando Luiz XV, fatigado com os conflictos entre a magistratura e o grande conselho, relativos ao imposto de dous soldos *, resolveu occupar o seu throno da casa dos Estados Geraes, os membros do parlamento renunciaram ás suas cadeiras. Dezeseis dessas demissões foram acceitas, pelo que houve outros tantos exilados. «Mas poderieis, dizia a Sra. de Pompadour a um dos presidentes, poderieis vêr tranquillamente um punhado de homens resistir á autoridade de um rei de França? Não formarieis disso má opinião? Deixai o

* Dous soldos por libra da decima da renda.

vosso mantosinho, Sr. presidente, e vereis tudo isto como eu vejo. »

Não foram sómente os exilados que carregaram com os resultados do seu mal-querer, mas ainda parentes e amigos. A violação das cartas divertia o rei. Para desfastiar-se de seus prazeres, fazia com que a sua favorita lêsse-lhe quanto encontrava-se de curioso no correio. E' bem de vêr que, a pretexto de encarregar-se por suas proprias mãos da policia secreta, divertia-se com os mil enredos que assim passavam-lhe pelas vistas; mas todo aquelle que, proxima ou remotamente, estava ligado aos chefes de facções, via-se quasi sempre perdido. E' sabido que Luiz XV, dotado de todas as fraquezas, possuia apenas uma força, a de ser inexoravel.

Uma noite que elle estava diante do fogo, com os pés em cima do panno da chaminé, melancholico como de costume, a marquezia, percorrendo um maço de cartas, erguia os hombros rindo-se. O rei perguntou-lhe o que havia.

— O que ha é que encontro aqui, respondeu ella, uma carta que não tem senso commum, mas que é tocante e desperta a compaixão.

— O que tem por baixo ? perguntou o rei.

— Nenhuma assignatura : é uma carta de amores.

— E o que tem por cima ?

— O que tem de interessante é ser dirigida a Mlle d'Annebault, sobrinha da minha boa amiga a Sra. d'Estrades. Foi evidentemente para que eu a visse que metteram-na entre estes papeis.

— E o que tem dentro ? perguntou ainda o rei.

— Amor, já vos disse. Trata-se tambem de Vauvert e de Neauflette. Haverá algum cavalheiro em semelhantes terras ? Conhece-o Vossa Magestade ?

O rei gabava-se de ter a França de cór, isto é, a nobreza de França. A etiqueta da sua cõrte, que havia estudado, não lhe era mais familiar que os brazões do seu reino : sciencia assás limitada, não

fallando no mais. Mas tinha disso vaidade, e a hierarchia era a seus olhos a como escada de marmore de seu palacio; aprazia-lhe subir por ella como senhor. Depois de haver meditado alguns instantes, carregou o sobrolho como ferido por uma má recordação, depois fazendo signal á marquezia que lêsse, tornou a recostar-se na poltrona, dizendo com um sorriso:

— Anda, a menina é linda.

A Sra. de Pompadour, tomando então o tom de voz mais meigamente zombeteiro, começou a lêr uma extensa carta toda cheia de expansões amorosas.

« Veja bem, dizia o escriptor, como os destinos perseguem-me ! Tudo parecia disposto a cumular-me os votos, e a senhora mesmo, minha terna amiga, não me havia feito esperar a felicidade? E' forçoso, no entanto, que eu a ella renuncie, e isto por uma falta que não commetti. Não será um excesso de crueldade haver-me permittido entrever o céo, para precipitar-me no abys-

mo? Quando um malaventurado está votado á morte, não será um prazer barbaresco deixar-lhe diante das vistas tudo quanto deve fazer amar e ter saudades da vida? Tal é, no entanto, a minha sorte; já não tenho outro asylo, outra esperança que não seja o tumulto, pois desde que sou desventurado já não devo pensar na posse de sua mão. Quando a fortuna me sorria, toda a minha esperança era que me pertencesse; hoje desditoso, teria de mim mesmo horror, si ainda ousasse pensar nisso, e desde que não a posso tornar feliz, embora morra de amor, prohibo-lhe que me ame...

A marquezia sorria a estas ultimas palavras.

— Senhora, disse o rei, eis ali um homem de bem. Mas o que o impede de desposar a amante?

— Permitti, Sire, que eu continue:

« Esta injustiça que me acabrunha, surprende-me, partindo como parte do melhor dos reis. Sabe que meu pai pedia para mim um lugar de alferes ou porta-estan-

darte nas guardas, e que este posto decidia da minha vida, porisso que dava-me o direito de offerecer-lhe a minha mão. O duque de Biron havia-me proposto; mas o rei repellio-me de um modo, cuja recordação é bem amarga, pois se meu pai tem lá as suas opiniões (admitto que isto seja uma falta), deverei eu ser, no entanto, punido por essa razão? Minha lealdade ao rei é tão verdadeira, tão sincera como o meu amor pela senhora. Ver-se-hiam um e outra, si eu pudesse desembainhar a espada.

« E' desesperador que rejeitem o que peço; mas que sem razão valiosa envolvam-me a mim em semelhante proscricção, é o que até está em opposição com a bem conhecida bondade de Sua Magestade...

— Olá, disse o rei, agora toca-me por casa.

« Si a senhora soubesse como estamos tristes? Ah! minha amiga! passeio só-sinho o dia inteiro por esta terra de Neauflette, por este pavilhão de Vauvert, por

estes bosques! Prohibi que lhes tocassem; o maldicto jardineiro veio hontem com a sua vassoura impiedosa. Ia tocar na areia.

«O vestigio dos seus passos, minha amiga, mais ligeiro que o vento, não estava no entanto apagado. A ponta de seus pésinhos e os seus grandes saltos brancos estavam ainda impressos na alameda: parecia caminhar diante de mim, enquanto eu seguia a sua imagem formosa, e o phantasma encantador animava-se por momentos, como si se postára sobre as pégadas fugitivas. Foi ahi, foi conversando ao longo do jardim que me foi dado conhecê-la, apreciá-la. Uma educação admiravel no espirito de um anjo, a dignidade de uma rainha com a graca das nymphas, pensamentos dignos de Leibnitz em linguagem tão simples, a abelha de Platão nos labios de Diana, tudo isto envolvia-me sob o véo da adoração. E durante essas praticas, as flores bem amadas abriam-se em torno de nós. Respirei-as ao ouvil-a; no perfume

dellas vivia a sua lembrança. Curvam agora a cabeça; mostram-me a morte...

— E' máo estylo de João Jacques, disse o rei. Porque lê-me isso?

— Porque Vossa Magestade m'o ordenou pelos bellos olhos de Mlle. d'Annebault.

— Isso é verdade, bellos olhos tem ella.

« E quando volto destes passeios, encontro meu pai só, no vasto salão com os cotovellos apoiados junto de uma vella, no meio desses dourados quasi extinctos que cobrem os nossos tectos e paredes carcomidos. Sofre ao vêr-me entrar... meu desgosto importuna ao seu... Athenais! no fundo desse salão, junto da janella, está o cravo em que volitavam os seus dedos deliciosos, que uma só vez foram tocados pela minha bocca, emquanto a vossa abria-se suavemente aos accordes da musica mais suave... tanto que o seu canto era apenas um sorriso. Como são felizes, esse Rameau, esse Lulli, esse Duni, que sei eu? e tantos outros! Sim, sim, a senhora ama-os, elles estão na sua memo-

ria; o halito delles passou-lhe pelos labios. Sento-me tambem a esse cravo, tento preludiar uma dessas arias de que a senhora gosta; como parecem-me frias, monotonas! deixo-as e ouço-as morrer, enquanto perde-se-lhes o echo sob a lugubre abobada. Meu pai volta-se e vê-me desolado; o que póde elle fazer? Uma intriga de rua, de antecamara, fechou-nos as portas. Vê-me moço, ardente, cheio de vida, querendo apenas apparecer na sociedade; é meu pai, e nada póde...

— Não parece, disse o rei, que este rapaz foi á caça e que mataram-lhe o falcão em punho? De quem se queixa?

« E' verdade, » continuou a marquezia, proseguindo na leitura em tom mais baixo, « é verdade que somos proximos visinhos e parentes afastados do abbade Chauvelin...

— Ora ahi está o que é, disse Luiz XV bocejando. Algum novo sobrinho das inquirições e petições. O meu parlamento abusa de minha bondade; tem realmente familia de mais.

— Mas si não passa de um parente afastado!...

— Está bem, essa gente não vale cousa alguma. Este abbade Chauvelin é janse-nista ; é um bom diabo, mas é um dos taes que demittiram-se. Atire essa carta no fogo, e não me fallem mais nisso.

II

As ultimas palavras pronunciadas pelo rei não eram completamente uma sentença de morte, mas eram pouco mais ou menos uma prohibição de viver. O que podia fazer em 1756 um mancebo sem fortuna, de quem o rei não queria ouvir fallar? Tratar de ser caixeiro, ou fazer-se philosopho, poeta talvez, mas sem dedicatoria, e o officio, neste caso, nada valia.

Muito longe estava de ser essa a vocação do cavalheiro de Vauvert, que acabava de escrever com lagrimas a carta de que o rei motejava. Durante esse tempo, a sós com o pai, no fundo do velho castello

de Neauflette, passeava pela camara triste e exasperado.

— Quero ir a Versalhes, dizia.

— E o que farás lá ?

— Eu lá sei ; mas o que faço aqui ?

— Fazes-me companhia ; é certo que isto não póde ser muito divertido para ti, e não te retenho de fórma alguma. Mas esqueces que tua mãe está morta ?

— Não, meu pai, e a ella prometti consagrar-lhe a vida que me deu. Tornarei aqui, mas quero partir ; não posso mais ficar nestes sitios.

— Donde provém isto ?

— De um amor extremo. Amo apaixonadamente Mlle d'Annebault.

— Bem vêes que é inutil. Só Molière é capaz de fazer casamentos sem dote. Esqueces assim minha proscipção ?

— Pois sim, meu pai, ser-me-ha permitido, sem afastar-me do mais profundo respeito, perguntar-lhe o que causou a sua proscipção ? Nós não somos do parlamento. Pagamos o imposto, não o creamos. Si o

parlamento regateia os dispendios do rei, é negocio seu, não nosso. Porque ha de o Sr. abbade Chauvelin arrastar-nos na sua quéda?

— O Sr. abbade Chauvelin procede como homem de bem. Recusa-se a approvar o dizimo, porque está revoltado com as dilapidações da côrte. Nada semelhante teria succedido no tempo da Sra. de Châthcauroux. Essa ao menos era formoza, e não custava cousa alguma, nem isso mesmo que dava tão generosamente. Era amante e soberana, e dizia-se satisfeita si o rei não a mandasse apodrecer em alguma masmorra, quando lhe retirasse a sua protecção. Mas esta Étioles, esta Le Normand, esta Poisson insaciavel.

— E o que tem isso?

— O que tem! perguntas? Tem mais do que pensas. Sabes ao menos que agora, ao passo que o rei nos devora, a fortuna da sua amante é incalculavel? A principio fez ella com que lhe dessem cento e oitenta mil libras de renda; mas não passava de

uma ninharia, de que agora já nem se falla ; não se póde formar idéa das sommas fabulosas que o rei lhe dá ; não se passam tres mezes no anno em que ella não apanhe no ar, como por acaso, quinhentas ou seiscentas mil libras, hoje sobre o sal, amanhã sobre os augmentos do thesoureiro da caudalaria ; com as aposentadorias que tem em todas as casas reaes, compra a Selle, Cressy, Aulnay, Brinborion, Margny, Saint-Remi, Bellevue, e tantas outras terras, palacios em Pariz, em Fontainebleau, em Versalhes, em Compiègne, sem contar uma fortuna occulta, posta em em todas as nações, em todos os bancos da Europa, para o caso de desfavor provavelmente, ou de morte do soberano, E quem paga tudo isto, dize ?

— Não sei, senhor, mas não sou eu.

— E's tu, como são todos, é a França, é o povo que súa sangue e agua. que grita na rua, que insulta a estatua de Pigalle. E o parlamento não quer mais isto : não quer novos impostos. Quando tratava-se

das despesas da guerra, o nosso derradeiro escudo estava prompto ; não pensavamos em regatear. O rei victorioso pôde vêr claramente que era amado pelo reino inteiro, mais claramente ainda quando esteve em risco de morrer. Então cessou toda a dissidencia, toda a facção, todo o odio ; a França inteira pôz-se de joelhos ante o leito do monarcha, e orou por elle. Mas se pagamos de boa mente seus soldados ou seus medicos, não lhe queremos pagar as amantes, e temos mais que fazer do que sustentar a Sra. de Pompadour.

— Não a defendo, meu pai, não posso dar-lhe ou negar-lhe razão ; nunca a vi.

— Certamente ; e não se te daria de vêl-a, não é assim, para formares tua opinião ? Pois na tua idade a cabeça julga pelos olhos. Trata disso, si te parece ; mas não has de ter esse prazer.

— Porque, meu pai ?

— Porque é uma loucura ; porque a marquezia é tão invisivel nos seus pequenos gabinetes de Brinborion como o Grão-

Turco no seu serralho ; porque hão de fechar-te todas as portas na cara. Que pretendes fazer? Tentar o impossivel! procurar fortuna como um aventureiro!

— Não, mas como um namorado. Não pretendo rogar, senhor, mas reclamar contra uma injustiça. Tinha uma esperança fundada, quasi uma promessa do Sr. de Biron ; estava em vespervas de possuir aquella que amo, e este amor não é desarrazoado ; meu pai não o desapprovou. Consinta, pois, que eu tente advogar minha causa. Terei de tratar com o rei ou com a Sra. de Pompadour, não sei, mas quero partir.

— Não sabes o que é a côrte, e queres nella apresentar-te!

— Porque não? talvez seja recebido tanto mais facilmente quanto sou desconhecido.

— Desconhecido, cavalheiro! suppões isso? Com um nome como o teu!... Somos fidalgos antigos, senhor meu filho ; não pódes ser um desconhecido.

— Tanto melhor, o rei ouvir-me-ha!

— Nem sequer quererá vêr-te. Estás sonhando com Versalhes, e acreditarás lá estar quando o postilhão parar... Supponhamos que chegues até á antecamara, á galeria, á Claraboia: verás apenas entre sua magestade e ti o batente de uma porta; ainda assim haverá um abysmo. Voltar-te-has, procurarás rodeios, protecções, nada encontrarás. Somos parentes do Sr. de Chauvelin; e como pensas que o rei se vingará? Por meio da tortura quanto a Damiens, por meio do exilio quanto ao parlamento, mas quanto a nós outros por meio de uma palavra, ou, ainda peor, por meio do silencio. Sabes o que é o silencio do rei, quando com seu olhar mudo, em vez de responder-nos, percutte-nos o rosto ao passar e anniquila-nos? Depois da Grève e da Bastilha é esse o gráo de supplicio que, apparentemente menos cruel, deixa o mesmo estygma que a mão do algôz. O condemnado, é verdade, fica em liberdade, mas não

póde mais pensar em approximar-se quer de uma mulher, quer de um cortezão, quer de um salão, quer de uma abbadia, quer de um quartel. Diante delle tudo fecha-se ou esquivava-se, e vagueia assim ao acaso em uma prisão invisivel.

— Nella me hei de mover tanto que della hei de sahir.

— Tanto como os mais. O filho do Sr. de Meynières não é mais culpado que tu. Tinha, como tu, promessas, as mais legitimas esperanças. O pai, o subdito mais leal de sua magestade, o homem mais honrado do reino, repellido pelo rei, foi, com os seus cabellos grisalhos, não rogar, mas tentar persuadir a amante. Queres saber o que ella respondeu? Eis as suas proprias palavras, que o Sr. de Meynières refere-me em uma carta: « O rei é soberano; não julga acertado demonstrar-vos o seu descontentamento pessoalmente; limita-se a fazer-vol-o conhecer privando o senhor seu filho de uma posição; punir-vos por outra fórma, fôra começar cousa nova, e elle não

o deseja; cumpre respeitar os seus designios. No entanto lamento-vos, compartilho as vossas afflicções, fui mãe; sei quanto vos deve custar deixar vosso filho sem uma posição.» Eis como falla essa creatura, e queres lançar-te a seus pés!

— Dizem que são encantadores, meu pai.

— Bofé que sim. Ella não é bonita, e o rei não a ama, é sabido. Cede, dobra-se diante dessa mulher. Para manter o seu extranho poder, é mister que ella tenha realmente mais alguma cousa que a sua cabeça de páu.

— Dizem que tem tanto espirito!

— E nenhum coração, grande merecimento!

— Nenhum coração! ella que declama tão bem os versos de Voltaire e canta a musica de Rousseau! ella que representa Alzira e Colette! E' impossivel, não posso crêr.

— Pois vai vêr, si queres. Aconselho-te e não te ordeno, mas has de pagar as custas

da viagem. Então amas muito á donzella d'Annebault?

— Mais que a vida.

— Vá, senhor meu filho.

III

Tem-se dito que as viagens prejudicam ao amor, porque distrahem; tem-se dito tambem que o robustecem, porque dão tempo a pensar nelle. O cavalheiro era muito moço para fazer tão doutas distincções. Cançado do carro, a meio caminho tomára um cavallo de posta, e chegava assim ás cinco horas da tarde á hospedaria do Sol, denominação já fóra da moda, no tempo de Luiz XIV.

Havia em Versalhes um padre velho que fôra cura perto de Neauflette: o cavalheiro conhecia-o e prezava-o. Este cura, simples e pobre, tinha um sobrinho privilegiado, capellão na côrte, que podia ser util. O cavalheiro foi pois á casa do sobrinho, o qual, homem de importancia, mergulhado na sua

volta, recebeu muito bem o recém-chegado e não se dignou ouvir o que requeria.

— Por vida minha, disse, chega ao pintar. Ha esta noite representação de opera na côrte, uma como festa, de não sei quem. Não vou a ella, porque ando arrufado com a marqueza, afim de obter alguma cousa; mas aqui está uma recommendação do Sr. duque d'Aumont, que eu lhe havia pedido para alguém, que já não sei quem seja. Vá. Não está ainda apresentado, é verdade, mas para o espectáculo não é necessario. Procure postar-se na passagem do rei na sala de reunião. Um olhar, e a sua fortuna está feita.

O cavalheiro agradeceu ao capellão, e fatigado com a noite mal dormida e com o dia passado a cavallo, compoz o fato, diante de um espelho da hospedaria, com essa negligencia que assenta tão bem nos namorados. Uma creada pouco experiente arranjou-o o melhor que pode, e polvilhou-

lhe o casaco de lentejoulas. Caminhou assim para o acaso. Tinha vinte annos.

Cahia a noite quando chegou ao castello. Adiantou-se timidamente para a grade e perguntou a sentinella o caminho. Mostraram-lhe a escadaria grande. Ahi disse-lhe o suisso que a opera vinha de começar, e que o rei, isto é, todos estavam na sala. *

— Si o Sr. marquez quer atravessar o pateo, accrescentou o suisso, (em caso de duvida, davam o tratamento de marquez), estará no espectaculo em um momento. Si prefere passar pelos aposentos...

O cavalheiro não conhecia o palacio. A curiosidade fêl-o responder desde logo que passaria pelos aposentos; depois, como um lacaio dispunha-se a segui-lo para o guiar, um movimento de vaidade fêl-o accrescen-

* Não se trata aqui da sala actual, construida por Luiz XV, ou antes, pela Sra. de Pompadour, mas concluida unicamente em 1769 e inaugurada em 1770 por occasião do casamento do duque de Berri (Luiz XVI) com Maria Antonieta. Trata-se de um como theatro portatil que transportava-se para uma galeria ou para um aposento, à moda de Luiz XIV.

tar que não precisava ser acompanhado. Adiantou-se pois sósinho, não sem alguma emoção.

Versalhes resplandecia de luz. Do rez do chão ao tecto do ultimo andar, os lustres, as placas, os moveis dourados, os marmores, scintillavam. Afóra os aposentos da rainha, por toda a parte as portas tinham abertos ambos os batentes. A' proporção que o cavalheiro caminhava, era presa de um pasmo e admiração difficeis de imaginar; pois o que tornava totalmente maravilhoso o espectáculo que se lhe offerencia ás vistas, não era só a belleza, o brilhantismo do proprio espectáculo, senão a completa solidão em que achava-se nesse como deserto encantado.

Vêr-se a gente a sós, com effeito, em um vasto recinto, quer seja em um templo, em um claustro, ou em um castello, tem alguma cousa de singular, e, por assim dizer, de mysterioso. O monumento parece pesar sobre o homem: as paredes encaram-no; os échos escutam-no; o rumor

dos passos perturba tamanho silencio que sente-se involuntario temor e não se ousa andar senão cautelosamente.

Assim fez a principio o cavalheiro ; mas para logo a curiosidade venceu-o e arrastou-o. Os candelabros da galeria dos espelhos, mirando-se uns aos outros, trocavam os seus fulgores. Sabe-se quantos milhares de amores, quantas nymphas e pastoras brincavam então nos retabulos, circulavam os tectos, e pareciam enlaçar com uma immensa grinalda o palacio inteiro. Aqui, vastas salas com docéis de velludo constelados de ouro e poltronas de estado, conservando ainda o peso magestoso do grande rei; alli, sofás amarrotados, assentos dobradiços postos em desordem ao redor de uma mesa de jogo; uma sequencia interminavel de salões sempre vasios, nos quaes a magnificencia brilhava tanto mais quanto parecia inutil; a espaços portas secretas abrindo para corredouras que perdiam-se de vista; mil escadas, mil passagens cruzando-se como em um labyrintho; columnas, es-

tradas feitas para gigantes; gabinetes reconditos como escondrijos de creanças; uma enorme téla de Vanloo junto de uma chaminé de porphyro; uma boceta para moscas esquecida ao lado de um grande boneco de porcellana da China; ora uma imponencia esmagadora, ora uma graça affeminada; e por toda a parte, no meio do luxo, da prodigalidade e da indolencia, mil odores inebriantes, singulares e varios, os perfumes misturados das flôres e das mulheres, uma atmospherá tépida e enervadora, a atmospherá da volupia.

Achar-se em semelhante lugar, aos vinte annos, no meio de tantas maravilhas, e achar-se só, era certamente ter de que delumbrar-se. O cavalheiro adiantava-se ao acaso, como em um sonho:

« Verdadeiro palacio de fadas! » murmurava, e com effeito parecia-lhe ver realisar-se para si um desses contos em que os principes transviados descobrem castellos magicos.

Seriam realmente creaturas mortaes as

que habitavam essa mansão sem igual? Seriam mulheres verdadeiras as que vinham sentar-se nessas poltronas, e cujos contornos graciosos haviam imprimido nesses coxins a pressão ligeira, cheia ainda de indolência? Quem sabe? por traz dessas cortinas espessas, no fundo de alguma immensa e brilhante galeria, ia talvez apparecer uma princeza adormecida ha cem annos, uma fada de babados, uma Armida com lentejoulas, ou alguma hamadryada da côrte, sahindo de uma columna de marmore, entreabrindo um retabulo dourado!

Atturdido, apezar seu, por todas essas chimeras, o cavalheiro, para melhor scismar, atirara-se a um sofá, e ter-se-hia talvez ahi esquecido muito tempo, si se não lembrasse de que estava enamorado. O que estaria fazendo durante esse tempo Mlle. d'Anebault, sua amada mettida em um velho castello?

— Athenais! exclamou elle de subito, o que faço eu aqui a perder tempo? Trans-

viar-se-hia a minha razão? Onde estou então, grande Deus! e o que se passa em mim?

Ergueu-se e continuou a caminhar através desse mundo novo, e nelle perdeu-se, diga-se de passagem. Dois ou tres lacaios; fallando em voz baixa, appareceram-lhe no fundo de uma galeria. Adiantou-se para elles e perguntou-lhes o caminho para ir á comedia.

— Si o Sr. marquez, responderam-lhe (sempre a mesma fórmula,) quer dar-se ao trabalho de descer por esta escada e de seguir a galeria á direita, achará no fim tres degráus a subir; voltará então á esquerda, e depois de atravessar o salão de Diana, o de Apollo, o das Musas e o da Primavera, tornará a descer ainda seis degráus, depois, deixando á direita a sala dos guardas, como para ganhar a escada dos ministros, não póde deixar de encontrar ali outros porteiros que lhe indiquem o caminho.

— Muito obrigado, disse o cavalheiro, e

com tão boas indicações, a culpa será minha se não souber dirigir-me.

Poz-se de novo a andar com resolução, parando sempre apezar seu para olhar para um e outro lado, até que de novo lembrava-se de seus amores; emfim ao cabo de largo espaço de tempo, como lhe haviam annuciado, encontrou outros lacaios:

— O Sr. marquez enganou-se, disseram-lhe estes, pela outra asa do castello é que devia ter tomado; mas nada é mais facil que tornar a ganhá-la. Não tem mais do que descer esta escada, atravessar o salão das Nymphas, o do Estio, o de...

— Obrigado, disse o cavalheiro.

« E bem tolo sou eu, pensou ainda consigo, em perguntar assim aos criados como um parvo. Deshonro-me em pura perda, e quando, o que não é possível, não zombassem commigo, de que serve-me a sua nomenclatura, e todos os appellidos pomposos destes salões, dos quaes não conheço um só?

Tomou a resolução de caminhar sempre

para a frente, emquanto pudesse fazel-o: « Pois, afinal, este palacio é bellissimo, é vastissimo, mas não é infinito, e, embora tivesse tres tamanhos da nossa coelheira, havia por fim de chegar-lhe ao extremo. »

Mas não é facil em Versalhes caminhar muito tempo para a frente, e essa comparação rustica da real habitação com uma coelheira desagradou talvez ás nymphas do lugar, pois á porfia recommçaram a transviar o misero namorado, e, talvez para punil-o, folgaram em fazel-o andar e voltar sobre os seus proprios passos, trazendo-o de novo ao mesmo lugar, precisamente como um camponio mettido numa canniçada; era assim que o envolviam no seu dedalo de marmore e ouro.

Nas *antiquidades de Roma* de Piranesi ha uma serie de gravuras que o artista chama « seu sonho, » e que são uma reminiscencia das suas proprias visões durante o delirio de uma febre. Essas gravuras representam vastas salas gothicas; no chão está toda a sorte de engenhos e de

machinas, rodas, cabos, polés, alavancas, catapultas, etc., etc., expressão de enorme poder posto em acção e de resistencia formidavel. Ao longo das paredes vereis uma escada, e nesta escada, subindo, não sem difficuldade, o proprio Piranesi. Segui os degraus até mais ácima, param de subito diante de um abysmo. Succeda o que succeder ao misero Piranesi, suppondes-lo ao menos ao cabo de trabalhos, pois não póde dar mais um passo sem cahir ; mas levantai os olhos, e vereis segunda escada erguida para o ar, e nessa escada ainda Piranesi á beira de novo precipicio. Olhai ainda mais para cima, e nova escada ainda mais aerea ergue-se-vos diante, e ainda o misero Piranesi continúa a ascensão, e assim por diante até que a eterna escada e Piranesi desaparecem juntos nas nuvens, isto é, na margem da gravura.

Esta alegria febril representa exactissimamente o aborrecimento de um trabalho inutil, e a como vertigem produzida pela

impaciencia. O cavalheiro, caminhando sempre de salão em salão e de galeria em galeria, tomou-se de raiva :

— Com effeito, disse, isto já é uma crueldade. Depois de haver ficado tão encantado, tão inebriado, tão enthusiasmado por achar-me só neste maldito palacio (já não era o palacio das fadas), não me será possível sahir delle! Maldicta fatuidade que inspirou-me a idéa de entrar aqui como o principe Fanfarinet com suas botas de ouro massiço, em vez de dizer ao primeiro laçao que encontrasse que me conduzisse simplesmente á sala do espectáculo!

Quando experimentava esses tardios pezares, estava o cavalheiro, como Piranesi, em meio de uma escada, em um patamar, entre tres portas. Por traz da do meio pareceu-lhe ouvir um murmurio tão suave, tão ligeiro, tão voluptuoso, por assim dizer, que não poude deixar de escutar. No momento em que adiantava-se, receioso de prestar ouvidos indiscretos, a porta abriu-se de par em par. Uma lufada de ar em-

balsamado de mil perfumes, uma torrente de luz capaz de fazer empallidecer a galeria dos espelhos, bateram-lhe tão de chapa e tão de subito que elle recuou alguns passos.

— O Sr. marquez quer entrar? perguntou o guarda que abrira a porta.

— Queria ir á comedia, respondeu o cavalheiro.

— Acabou agora mesmo.

Ao mesmo tempo formosissimas damas, delicadamente pintadas de branco e de carmim, dando, não o braço, nem mesmo a mão, mas a ponta dos dedos a velhos e moços fidalgos, começavam a sahir da sala do espectaculo, pondo grande cuidado em andar de lado para não amarrotar os fofos. Toda essa sociedade brilhante fallava em voz baixa, com meia alegria, misturada de receio e de respeito.

— O que é isto então? perguntou o cavalheiro, não adivinhando que o acaso guiara-o precisamente ao pequeno salão de reunião.

— O rei vai passar, respondeu o guarda, Ha uma como intrepidez que de cousa alguma se arreceia, e que é bem facil : é o animo das pessoas mal educadas. O nosso moço provinciano, posto que soffrivelmente esforçado, não possuia essa faculdade. A estas sós palavras: « O rei vai passar, » ficou immovel e quasi aterrado.

O rei Luiz XV, que andava a cavallo, na caça, uma duzia de leguas sem dar por isso, era, como é sabido, soberanamente indolente. Gabava-se, não sem razão, de ser o primeiro fidalgo de França, e as suas amantes diziam-lhe, não sem motivo, que era o mais bem feito e o mais bello. Era cousa consideravel vel-o deixar a poltrona e dignar-se andar em pessoa. Quando atravessou o salão, com um braço posto ou antes estendido sobre o hombro do Sr. d'Argenson, enquanto os saltos vermelhos deslisavam sobre o soalho (puzera essa preguiça em moda), cessaram todos os cochichos; os cortezãos abaixavam a cabeça não ousando saudal-o francamente, e as

formosas damas, inclinando-se suavemente sobre as ligas côr de fogo, no fundo dos seus immensos babados e folhos, aventuravam essa cortezia que nossas avós chamavam *mesura*, e que o nosso seculo substituiu pelo brutal «shakehand» dos inglezes.

Mas não dava attenção a cousa alguma, e via apenas o que lhe agradava. Alferi estava talvez ahi, o qual narra assim a sua apresentação em Versalhes, em suas memorias:

« Eu sabia que o rei nunca fallava aos estrangeiros que não davam na vista; não pude no entanto affazer-me ao impassivel e sobranceiro porte de Luiz XV. Media o homem que lhe apresentavam da cabeça aos pés, e parecia não receber impressão alguma. Pareco-me entretanto que si se dissesse a um gigante: *Apresento-lhe aqui esta f rmiça*, ao olhar para ella sorriria, ou diria talvez: Ah! que animalzinho!»

O tacitu no monarcha passou pois por entre essas flôres, essas formosas damas, e

toda essa côrte, conservando-se solitario no meio da multidão. Não foram precisas ao cavalheiro longas reflexões para ficar sabendo que nada tinha a esperar do rei, e que a narração de seus amores não alcançaria resultado algum.

— Malventurado que sou! disse consigo; muita razão tinha meu pai quando dizia-me que a dous passos do rei veria um um abysmo entre elle e mim. Ainda quando eu me abalançasse a pedir uma audiencia, quem me protegeria? quem me apresentaria? Eil-o ahi o senhor absoluto que com uma palavra pôde mudar o meu destino, garantir a minha fortuna, eumular todos os meus desejos. Está aqui, diante de mim; estendendo a mão, podia tocar-lhe nas roupas... e sinto-me mais longe delle do que si ainda estivesse no fundo da minha provincia! Como fallar-lhe? como acercar-me delle? quem virá em meu auxilio?

Emquanto o cavalheiro assim lamentava-se, vio entrar uma moça bem linda, com aspecto cheio de graça e mimo; estava ves-

tida com muita simplicidade, com um vestido branco, sem diamantes nem bordados, com uma rosa ao lado da cabeça. Dava a mão a um fidalgo *todo ambar*, como diz Voltaire, e fallava-lhe baixo por traz do leque. Ora o acaso quiz que, conversando, rindo-se e gesticulando, lhe escapasse o leque e cahisse embaixo de uma cadeira, exactamente defronte do cavalheiro. Atirou-se immediatamente para apanhal-o, e como para isso puzera um joelho no chão, pareceu-lhe a dama tão encantadora, que apresentou-lhe o leque sem erguer-se. Ella parou, sorriu, e passou, agradecendo com leve inclinação de cabeça: mas com o olhar que deitára ao cavalheiro, sentio este bater-lhe o coração sem saber porque. Tinha razão. A dama era a pequena d'Étioles, como chamavam-na ainda os descontentes, ao passo que os outros, fallando della, diziam « a Marquiza » como se diz « a Rainha ».

IV

— Esta proteger-me-ha, esta virá em meu auxilio! Ah! como o capellão tinha razão dizendo-me que um olhar decidiria da minha vida! Sim, estes olhos tão mi-mosos e tão meigos, esta bocasinha mote-jadora e deliciosa, este pésinho escondido em um laço de fita... Eis a minha boa fada!

Assim pensava quasi em voz alta o cavalheiro ao voltar á sua hospedaria. De onde lhe vinha esta esperanza subita? Fallava só a sua mocidade, ou os olhos da marquezia haviam fallado?

Mas a difficuldade era sempre a mesma. Si já não pensava em ser apresentado ao rei, quem o apresentaria á marquezia?

Passou a maior parte da noute a escrever á donzella d'Annebault uma carta mais ou menos semelhante á que havia lido a Sra. de Pompadour.

Reproduzir esta carta, fôra de todo inu-

til. Afóra os tolos, só os namorados dizem sempre cousas novas, repetindo sempre a mesma cousa.

Apenas amanheceu, sahio o cavalheiro e poz-se a andar, scismando pelas ruas. Não lhe accudio recorrer ao capellão protector, e não fôra facil dizer a razão que disso o inhibia. Era como um mixto de receio e audacia, de mal entendido acanhamento e espirito romantico. E com effito o que lhe responderia o capellão, si lhe referisse a sua historia da vespera? — O senhor achou-se a ponto de apanhar um leque; soube aproveitar-se disso? O que disse a marquezia? — Nada. — Pois devia fallar-lhe. — Eu estava perturbado, tinha perdido a cabeça. — Isso é máu; é preciso saber aproveitar a occasião; mas póde emendar a mão. Quer que o apresente ao Sr. Fulano? é meu amigo. A Sra. Beltrana? ainda é melhor. Trataremos de fazel-o chegar até essa marquezia que metteu-lhe medo, e agora, etc., etc.

Ora o cavalheiro não cuidava em seme-

lhante cousa. Affigurava-se-lhe que, narrando a sua ventura, estragal-a-hia, por assim dizer, e tirar-lhe-hia o encanto. A si mesmo dizia que o acaso fizera em seu favor uma cousa inaudita, incrivel, e que devia ser um segredo entre elle e a fortuna; confiar esse segredo ao primeiro individuo que encontrasse, era, no seu modo de pensar, tirar-lhe todo o valor e mostrar-se indigno delle :

— Fui hontem só ao castello de Versalhes, pensava; pois irei só a Trianon (era então a habitação da favorita).

Semelhante modo de pensar póde e deve até parecer extravagante aos espiritos calculistas, que nada esquecem e deixam o menos possivel ao acaso; mas os individuos mais calmos, si alguma vez foram moços (nem todos o foram, ainda nos annos da juventude), devem ter conhecido esse sentimento singular, fraco e ousado, perigoso e seductor, que arrasta-nos para o destino: sente-se a gente cego, e quer sê-lo; não sabe para onde vai, e caminha. O encanto

está nesse mesmo descuido e nessa mesma ignorancia; é o prazer do artista que sonha, do enamorado que passa as noites embaixo das janellas da amada; é tambem o instincto do soldado; é principalmente o do jogador.

O cavalheiro, quasi sem o saber, havia pois tomado o caminho de Trianon. Sem estar muito paramentado, como se dizia então, não lhe falleciam nem elegancia, nem o porte que faz com que um lacaio, ao encontrar-vos, não vos pergunte onde ideis. Não lhe foi pois difficil, graças a algumas indicações tomadas na hospedaria, chegar até a grade do castello, si assim se póde chamar a essa boceta de marmore que vio outr'ora tantos prazeres e aborrecimentos. Infortunadamente a grade estava fechada, e um gordo suiso, mettido em um simples casacão, passeiava, com as mãos atraz das costas, na avenida interna, como quem não espera pessoa alguma.

— O rei aqui está! disse comsigo o cavalheiro, ou não está a marquezia. Evidente-

mente, quando as portas estão fechadas e os criados passeiam, os amos estão encerrados ou sahiram.

O que fazer? Tanta confiança e valor sentia dentro de si um momento antes quanta perturbação e desengano experimentava de subito. Este só pensamento « O rei aqui está! » aterrava-o mais do que na vespera estas quatro palavras: « O rei vai passar! » pois então era apenas o imprevisto, e agora conhecia esse olhar frio, essa magestade impassivel,

— Ah! meu Deus! que cara faria eu, se tentasse desatinadamente penetrar neste jardim, e se fôsse achar-me face á face com esse monarcha soberbo, a tomar café á beira de algum regato!

Immediatamente desenhou-se na mente do misero apaixonado o perfil inquietador da Bastilha; em vez da imagem encantadora que conservára da marquezia, passando e sorrindo, vio zimbórios, masmorras, o pão negro, a agua dos pratos; conhecia a historia de Latude. Pouco e pouco accudia-

lhe a reflexão, e pouco e pouco voava-lhe a esperança.

— E no entanto, disse ainda consigo, não procedo mal, nem o rei também. Reclamo contra uma injustiça; nunca puz pessoa alguma em cantigas. Receberam-me hontem tão bem em Versalhes, e os lacaios mostraram-se tão cortezes! De que tenho medo? De fazer uma asneira. Farei outras que resgatarão esta.

— Approximou-se da grade e tocou-a com o dedo; não estava completamente fechada. Abrio-a e entrou resolutamente. O suiso voltou-se com enfado:

— O que deseja? onde vai?

— Vou ter com a Sra. de Pompadour.

— Tem alguma audiencia?

— Tenho.

— Onde está a carta?

Já não era o marquezado da vespera e desta vez já não tinha o duque d'Aumont. O cavalheiro baixou tristemente os olhos, e notou que as suas meias brancas e as suas fivellas de seixos do Rheno estavam

cobertas de poeira. Commettera a falta de vir a pé a uma terra em que se não andava. O suisso baixou tambem os olhos e medio-o, não da cabeça aos pés, mas dos pés a cabeça. O casaco pareceu-lhe aceiado, mas o chapéu estava um tanto torto e os cabellos não estavam polvilhados.

— Não tem carta. O que quer?

— Queria fallar á Sra. de Pompadour.

— Queria! E pensa que isso se faz assim sem mais nem menos.

— Não sei. O rei está ahí?

— Talvez. Saia, deixe-me socogada.

O cavalheiro não queria encolerisar-se; mas, apozar seu, esta insolencia fêl-o empallidecer:

— Tenho dito algumas vezes a um lacaio que saia, respondeu, mas a mim nunca um lacaio o disse.

— Lacaio! eu? lacaio! exclamou o suisso furioso.

— Lacaio, porteiro, creado e creadagem é tudo a mesma cousa e pouco se me dá.

O suíço deu um passo para o cavalheiro com os punhos cerrados e o rosto incendiado. O cavalheiro, voltando a si com a eminência da ameaça, ergueu ligeiramente o punho da espada :

— Tome cuidado, disse, sou fidalgo, e custa apenas trinta e seis libras enterrar um animal da tua casta.

— Si o senhor é fidalgo, senhor, eu pertenço ao rei; cumpro apenas meu dever, e não supponha...

Nesse momento o som de uma trompa de caça, que parecia vir do bosque de Satory, fez-se ouvir ao longe e perdeu-se a distancia. O cavalheiro deixou cahir a espada na bainha, e, não pensando mais na contenda encetada :

— Oh! com a bréca! disse, é o rei que vai á caça. Porque não m'o disse logo?

— Nada tenho com isso, nem o senhor.

— Ouça-me, meu charo amigo. O rei não está ahí, eu não tenho carta, nem tenho audiência. Tome isto e deixe-me entrar.

Tirou da algibeira algumas moedas de

ouro. O suíço medio-o de novo com soberano desprezo :

— O que quer dizer isto? disse desdenhosamente. Pois assim se procura introduzir em uma vivenda real? Em vez de fazel-o sahir, tome cuidado que o não prenda.

— Prender-me, grandisissimo tratante! disse o cavalheiro encolerisando-se de novo e de novo tomando a espada.

— Sim, prendel-o, repetio o homemzarrão.

Mas durante esta conversação, em que o autor lamenta haver compromettido o seu heroe, espessas nuvens haviam obscurecido o céo; preparava-se uma tempestade. Um rapido relampago brilhou, seguido de violento trovão, e a chuva começou de cahir em grossas bagas.

O cavalheiro, que tinha ainda na mão o dinheiro, vio uma gotta d'agua nos sapatos empoeirados, grande como um escudo pequeno :

— Salta! disse, abriguemo-nos. E' preciso que a gente se não molhe.

E dirigio-se desembaraçadamente para o antro do Cerbéro, ou, si quizerem, para a portaria: depois de alli estar, atirando-se sem cerimonia na ampla poltrona da portaria:

— Por vida minha! como o senhor é aborrecido! disse, e como eu sou desventurado! Toma-me por algum conspirador, e não comprehende que eu possa ter na algibeira um memorial para sua magestade! sou provinciano, mas o senhor é um tolo!

O suiso, como unica resposta, foi a um canto tomar a alabarda, e ficou assim de pé com a arma em punho.

— Quando resolve-se a sahir? perguntou com voz de Stentor.

A contenda, alternativamente esquecida e continuada, parecia desta vez tornar-se muito séria, e já as duas manoplas do suiso tremiam singularmente, segurando a lança; o que iria passar-se? não sei;

quando, voltando subitamente a cabeça :
« Ah ! disse o cavalheiro, quem vem lá ? »

Um donzel, montado em um magnifico cavallo (não inglez, nesse tempo as pernas seccas ainda não estavam em moda), chegava á toda brida, a bom galope. O caminho estava molhado pela chuva ; a grade estava apenas entre-aberta. Hesitou um momento ; o suiso adiantou-se e abriu a grade. O pagem deu de esporas ; o cavallo, detido um momento, quiz correr de novo, faltou-lhe o pé, escorregou no chão humido e foi em terra.

E' muito pouco commodo, quasi perigoso, tentar levantar um cavallo cahido no chão. Não ha vergasta que sirva. O movimento das pernas do animal, que faz o que póde, é extremamente desagradavel, principalmente quando a gente está tambem com uma perna presa debaixo da sella.

O cavalheiro, no entanto, correu em auxilio do pagem sem reflectir em taes inconvenientes, e tão bem se houve que

dentro em pouco o cavallo estava levantado e o cavalleiro desembaragado. Este porém estava coberto de lama, e mal podia andar coxeando. Transportado, como foi possivel, para a casa do suisso, e sentado por sua vez na poltrona :

— O senhor, disse ao cavalleiro, é sem duvida pessoa nobre. Prestou-me grande serviço, mas póde ainda prestar-me serviço maior. Aqui esta uma mensagem do rei para a Sra. marqueza, e é mensagem urgentissima, como vê, pois meu cavallo e eu, para andarmos mais depressa, quasi torcemos o pescoço. Vê tambem que, no estado em que estou, com uma perna estropiada, não posso ser portador deste papel. Fôra necessario para isso mandar que me carregassem tambem. Quer ir em meu lugar?

Ao mesmo tempo tirava do bolso uma grande carta com arabescos dourados, onde estava apposto o sello real.

— Com muito gosto, senhor, respondeu o cavalleiro, tomando a carta. E, rapido e

leve como uma penna, sahio correndo nas pontas dos pés.

V

Quando o cavalleiro chegou ao castello, outro suisso estava diante do peristyllo :

« Por ordem do rei, » disse o moço, que desta vez já não tinha medo de alabardas ; e, mostrando a carta, entrou com desembaraço por entre uma meia duzia de lacaios.

O porteiro-mór, plantado no meio do vestibulo, vendo a ordem e o sello real, inclinou-se gravemente como um choupo curvado pelo vento, depois, com um dos dedos ossudos, apertou sorrindo em uma colgadura.

Um postigo, occulto por uma tapeçaria, abriu-se immediatamente como por si mesmo. O homem ossudo fez um signal cortez : o cavalleiro entrou, e a tapeçaria, que se entreabrirá, tornou a cahir vagarosamente apoz elle.

Um silencioso criado grave introduzio-o então em um salão, depois em um corredor, para o qual diziam dous ou tres pequenos gabinetes, depois finalmente em um segundo salão, e pedio-lhe que esperasse um momento.

— Ainda estarei aqui no castello de Versailles? perguntava a si mesmo o cavalheiro. Vamos recommençar o jogo do tempo-será?

Trianon não era nesse tempo nem o que é hoje, nem o que havia sido. Já se disse que a Sra. de Maintenon fizera de Versailles um oratorio, e a Sra. de Pompadour um camarim. Já se disse tambem de Trianon que *esse castellino de porcellana* era o camarim da Sra. de Montespan. Fossem lá como fossem tantos camarins, parece que Luiz XV punha-os em toda a parte. Tal galeria, em que seu avô passeiava magestosamente, era então singularmente dividida em uma infinidade de compartimentos. Havia-os de todas as côres; o rei gostava de borboletear nessas

moutas de seda e de velludo. « Acha de bom gosto os meus pequenos aposentos mobiliados? » perguntou elle um dia á formosa condessa de Séran. « Não, disse ella, prefiro-os azues. » Como o azul era a côr predilecta do rei, esta resposta lisongeou-o. Na segunda entrevista a Sra. de Séran achou o salão ornado de azul, como havia desejado.

Aquelle em que nesse momento achava-se sósinho o cavalheiro, não era nem azul, nem branco, nem côr de rosa, mas todo cheio de espelhos. E' sabido quanto uma linda mulher, que tem uma linda cintura, ganha em deixar assim reproduzir-se-lhe a imagem sob mil aspectos. Fascina, envolve, por assim dizer, aquelle a quem quer agradar. Para qualquer lado que olhe, vê-a; como evita-la? A cousa unica que pôde fazer é fugir, ou confessar-se subjugado.

O cavalheiro olhava tambem para o jardim. Ahi, por traz das cercas de canniço e dos labyrinthos, das estatuas e dos vasos de marmore, começava a despontar o gosto

pastoril que a marquezia ia pôr em moda, e que, mais tarde, a Sra. Dubarry e a rainha Maria Antonieta deviam levar a tamanho grão de perfeição.

Já appareciam as phantasias campesi-
nas em que refugiava-se o capricho em-
botado. Já os tritões inchados, as severas
deusas e as nymphas prudentes, os bustos
com grandes cabelleiras, gelidos de hor-
ror nos seus nichos de verdura, viam sa-
hir da terra um jardim inglez no meio
dos teixos admirados. Os pequenos can-
teiros de relva, os pequenos regatos, as
pequenas pontes, iam dentro em breve des-
thronar o Olympo para substituil-o por uma
queijeira, estranha parodia da natureza,
que os inglezes copiam sem entender, ver-
dadeiro brinco infantil transformado então
em divertimento de um indolente senhor,
que não sabia como desenfastiar-se de
Versalhes no proprio Versalhes.

Mas o cavalheiro estava demasiado ale-
gre e demasiado encantado por achar-se
alli para que lhe viesse á mente a menor

reflexão critica. Estava pelo contrario disposto a admirar tudo, e effectivamente fazia-o, volvendo a missiva nos dedos, como um provinciano faz ao chapéu, quando uma linda criada abriu a porta e disse-lhe meigamente :

— Venha, senhor.

Seguiu-a, e depois de haver passado de novo por muitos corredores mais ou menos mysteriosos, fêl-o entrar em espaçosa camara cujas janellas estavam fechadas a meio. Ahi parou e pareceu escutar :

— Sempre o tempo-será, dizia comsigo o cavalheiro.

Entretanto, ao cabo de alguns instantes, uma porta abriu-se ainda, e outra criada, que parecia dever ser tão bonita como a primeira, repetio no mesmo tom as mesmas palavras :

— Venha, senhor.

Se ficára impressionado em Versalhes, estava-o agora bem diversamente, pois via que approximava-se do lumiar do templo habitado pela divindade. Adiantou-se com

o coração a bater-lhe ; luz suave, frouxamente velada por leves cortinas de garça, succedeu á obscuridade ; perfume delicioso, quasi imperceptivel, derramou-se no ambiente ; a criada afastou timidamente a orla de um reposteiro de seda, e, no fundo de vasto gabinete da mais elegante simplicidade, vio a dama do leque, isto é, a omnipotente marquezia.

Estava só, sentada diante de uma mesa, envolta em um penteador, com a cabeça apoiada na mão, e parecia muito preocupada. Vendo entrar o cavalheiro, ergueu-se com um movimento subito e como que involuntario :

— Vem da parte do rei ?

O cavalheiro houvera podido responder, mas achou preferivel inclinar-se profundamente, apresentando á marquezia a carta que lhe trazia. Ella tomou-a, ou antes, apoderou-se della com extrema vivacidade. Emquanto a abria, as mãos tremiam-lhe no sobrescripto.

A carta, escripta pelo proprio punho do

rei, era muito extensa. Devorou-a primeiro, por assim dizer, com um olhar, depois leu-a avidamente com atenção profunda, sobr'olhos carregados e labios cerrados. Não era bella assim, e já se não parecia com a apparição magica do pequeno salão de reunião. Quando terminou a leitura, pareceu reflectir. Pouco e pouco o rosto, que impallidecêra, colorio-se-lhe de ligeiro rubor (a essa hora não tinha carmim nas faces): não só voltou-lhe a graça, como um clarão de verdadeira belleza illuminou-lhe as feições delicadas; poder-se-lhe-hiam tomar as faces por dous petalos de rosa. Soltou um suspirozinho, deixou cahir a carta sobre a mesa, e voltando-se para o cavalheiro:

— Fil-o esperar, senhor, disse-lhe com o sorriso mais encantador, mas é que não estava levantada, e ainda o não estou. Eis porque fui obrigada a mandal-o entrar pelas passagens secretas; pois aqui vejo-me quasi tão assediada como o era em minha casa. Quizera responder algumas

palavras ao rei. Incommoda-o desempenhar a minha incumbencia ?

Desta vez era preciso fallar; o cavalleiro tivera tempo de cobrar algum animo:

— Ai de mim! senhora, disse tristemente, grande mercê me faz; mas infelizmente não posso aproveitar-me della.

— Então porque?

— Não tenho a honra de pertencer á sua magestade.

— Então como veio aqui?

— Por acaso. Encontrei em caminho um pagem que fôra ao chão, e que pedio-me...

— Como, que fôra ao chão! repetio a marqueza ás risadas. (Parecia tão feliz nesse momento que a alegria acudia-lhe sem esforço.)

— Sim, senhora, cahio do cavallo junto á grade. Eu lá estava felizmente para ajudal-o a levantar-se, e como estava com as roupas damnificadas, pedio-me que me incumbisse de sua mensagem.

— E por que acaso estava lá o senhor?

— Senhora, é que tenho um memorial para apresentar á sua magestade.

— Sua magestade mora em Versalhes.

— Mora, mas a senhora mora aqui.

— Devéras! De fórma que era o senhor que queria incumbir-me de uma commissão.

— Senhora, supplico-lhe que acredite...

— Não se assuste, o senhor não é o primeiro. Mas por que razão se dirige a mim? Sou apenas uma mulher... como outra.

Pronunciando estas palavras com tom de motejo, a marquezza deitou um olhar triumphante para a carta que acabava de ler.

— Senhora continuou o cavalheiro, sempre ouvi dizer que os homens exerciam o poder, e que as mulheres...

— Dispunham delle, não é assim? Pois bem, senhor, ha uma rainha de França.

— Bem sei, senhora, e foi por isso que eu *estava lá* esta manhã.

A marquezza estava mais que habituada a taes cumprimentos, postoque lh'os fi-

zessem apenas em voz baixa; mas nas presentes circumstancias este pareceu agradecer-lhe mui singularmente.

—E em que se fiou, disse, em que confiou para poder chegar até aqui? pois o senhor não contava, creio, com um cavallo que cahisse no caminho.

— Senhora, eu contava... eu esperava...

— O que?

— Esperava que o acaso... fizesse...

— Sempre o acaso! E' seu amigo, ao que parece; mas aviso-o de que, si não tem outras, essa é uma bem triste recommendação.

Porventura a fortuna offendida quiz vingarse desta irreverencia; mas o cavalheiro a quem estas ultimas perguntas haviam perturbado cada vez mais, percebeu de repente, no canto da mesa, exactamente o mesmo leque que apanhára na vespera. Tomou-o, e, como na vespera, apresentou-o á marqueza, dobrando o joelho diante della:

— Eis, senhora, disse-lhe, o unico amigo que tenho aqui.

A marqueza pareceu a principio admi-

rada, hesitou um momento, olhando ora para o leque, ora para o cavalheiro :

— Ah! tem razão, disse afinal; é o senhor! reconheço-o. Foi o senhor a quem vi hontem depois da comedia com o Sr. de Richelieu. Deixei cahir este leque, e o senhor *estava lá* como diz.

— E' verdade, senhora.

— E mui gentilmente, como perfeito cavalheiro, restituiu-m'o: não lhe agradei, mas sempre me persuadi de que quem sabe com tanta graça levantar um leque, sabe tambem, sendo necessario, levantar uma luva; e nós outras gostamos muito disso.

— E é mesmo assim, senhora; pois, ha pouco, quando cheguei quasi tive um duello com o suiso.

— Misericordia! disse a marquezia, atacada de segundo accesso de riso, com o suiso! e para que?

— Não queria deixar-me entrar.

— Seria máo. Mas, senhor, quem é o senhor? o que quer?

— Senhora, eu chamo-me o cavalheiro

de Vauvert. O Sr. de Biron havia pedido para mim um lugar de porta-estandarte nas guardas.

— Devéras! ainda me lembro. O senhor vem de Neauflette; está enamorado pela donzella d'Annebault...

— Senhora, quem lhe disse?...

— Oh! previno-o de que sou temivel. quando falha-me a memoria, adivinho. O senhor é parente do abbade Chauvelin, e por isso repellido, não é verdade? Onde está o seu memorial?

— Aqui está, senhora; mas realmente não posso comprehender...

—E para que comprehender? Levante-se e ponha o seu papel em cima desta mesa. Vou responder ao rei; levar-lhe-ha ao mesmo tempo seu pedido e minha carta.

—Mas, senhora, suppunha já lhe haver dito...

—Ha de ir. Entrou aqui da parte do rei, não é assim? Pois bem, lá entrará da parte da marquezia de Pompadour, dama de honor da rainha.

O cavalheiro inclinou-se sem proferir palavra, presa de uma como estupefacção. Todos sabiam havia muito de quantas negociações, astucias e intrigas a favorita lançára mão, e quanta obstinação mostrára para obter esse titulo, que em summa não lhe deu em resultado mais do que uma affronta cruel do delphim. Mas havia dez annos que o desejava; queria-o e conseguira-o. O Sr. de Vauvert, a quem não conhecia, postoque lhe conhecesse os amores, agradava-lhe como uma boa nova.

Immovel, de pé por traz della, o cavalheiro observava a marquezia a escrever, a principio com effusão, com paixão, depois reflectindo, parando e passando a mão no pequenino nariz, transparente como se fôra de ambar. Impacientava-se: essa testemunha incommodava-a. Afinal resolveu-se e fez um rascunho; cumpre confessar que não passava de um borrão.

Defronte do cavalheiro, do outro lado da mesa brilhava um bello espelho de Veneza. O muito timido mensageiro ousava apenas

erguer os olhos. Foi-lhe no entanto difficil não ver nesse espelho, por cima da cabeça da marquezia, o rosto inquieto e encantador da nova dama de honor.

— Como é linda ! pensava elle. E' uma infelicidade que eu esteja apaixonado por outra ; mas Athenais é mais formosa, e além disso fôra de minha parte tão feia deslealdade !...

— De que está fallando ? perguntou a marquezia. (O cavalleiro, segundo costumava, pensára alto sem sabel-o.) O que está dizendo ?

— Eu, senhora ? eu espero.

— Está prompto, disse a marquezia, tomando outra folha de papel ; mas, com o pequeno movimento que acabára de fazer para voltar-se, cahira-lhe o penteador pela espadua abaixo.

A moda é cousa singular. Nossas avós achavam muito simples ir á côrte com immensos vestidos que deixavam-lhes os seios quasi descobertos, e não se via nisso nenhuma indecencia ; mas occultavam cui-

dadosamente as costas, que as formosas damas de hoje mostram nos bailes ou nos theatros. E' uma belleza recentemente descoberta.

Sobre a espadua delicada, alva e mimosa da Sra. de Pompadour havia um signalzinho negro, semelhante a uma mosca dentro do leite. O cavalheiro, sério como um estonteado que quer guardar as conveniencias, olhava para o signal, e a marquezeta, com a penna suspensa no ar, olhava para o cavalheiro no espelho.

Nesse espelho trocou-se um olhar rapido, olhar com que as mulheres não se enganam, que quer dizer de uma parte: « Sois encantadora, » e da outra: « Não fiquei zangada. »

Todavia a marquezeta puchou para cima o penteador:

— O senhor está olhando para a minha pinta?

— Não estou olhando, senhora; vejo, e admiro.

— Olhe, aqui está a minha carta ; leve-a ao rei com o seu memorial.

— Mas, senhora...

— O que temos?

— Sua magestade anda a caça ; acabo de ouvir o som da trompa no bosque de Satory.

— E' verdade, já nem pensava nisso ; pois bem, amanhã, depois de amanhã, pouco importa. — Não, immediatamente. Vá, dê isto a Lebel. Adeus, senhor. Lembre-se bem de que esta pinta que acaba de ver, só ha no reino uma pessoa que a tenha visto, o rei ; e quanto ao seu amigo, o acaso, diga-lhe, peço, que habitue-se a não fallar sósinho tão alto como ha pouco. Adeus, cavalheiro.

Tocou um pequeno timpano, depois, erguendo sobre a manga uma onda de rendas, estendeu ao moço o braço nú.

Elle inclinou-se ainda, e com a ponta dos labios tocou apenas as unhas rosadas da marquezia. Ella não vio nisso uma falta de

polidez, bem longe disso, mas uma modestia um tanto em demazia.

Para logo tornaram a apparecer as criadas menores (as maiores não estavam ainda levantadas), e por traz dellas, de pé como uma torre no meio de um rebanho de cordeiros, o homem ossudo, sempre risonho, indicava o caminho.

VI

A sós, mergulhado em uma velha poltrona, no fundo da sua camarazinha, na hospedaria do Sol, o cavalheiro esperou o dia seguinte, depois o immediato, e nada de noticias.

— Singular mulher! — meiga e imperiosa, boa e má, o mais frivola que é possível e o mais obstinada! — Esqueceu-me. Oh! miseria! Tem razão, póde tudo, e eu nada sou.

Erguêra-se, e passeiava na camara :

— Nada, não, sou apenas um misero. Como meu pai tinha razão! A marquezia zombou comigo; é bem simples — em-

quanto eu olhava para ella, foi a sua propria belleza que lhe agradou. Estimou muito vêr nesse espelho e nos meus olhos o reflexo de seus encantos, que, por vida minha, são realmente incomparaveis! Sim, tem os olhos pequenos, mas que graça! E Latour, antes de Diderot, tomou para retratal-a o pé da aza de uma borboleta. Não é muito alta, mas é esbelta.—Ah! d'Annebault! Ah! minha querida amiga, pois tambem eu hei de esquecer!

Duas ou tres pancadazinhas seccas na porta despertaram-no do seu pezar?

— Quem é?

O homem ossudo, vestido todo de preto, com um bello par de meias de seda, que suppriam as barrigas das pernas ausentes, entrou e fez uma profunda cortezia:

— Ha esta noite, senhor cavalheiro, baile mascarado na côrte, e a senhora marquezia manda dizer-vos que estaes convidado.

— E' bastante, senhor, muito obrigado.

Apenas o homem ossudo retirou-se, o cavalheiro correu para a campainha: a mesma criada que, tres dias antes, arranjara-o como pudera, ajudou-o a vestir o mesmo casaco de lentejoulas, procurando compol-o ainda melhor.

Depois do que o mancebo dirigio-se para o palacio, desta vez convidado, e mais tranquillo na apparencia, porém mais inquieto e menos audaz do que ao dar o primeiro passo nesse mundo ainda para elle desconhecido.

VII

Atordoadado, quasi tanto como da primeira vez, com todos os esplendores de Versalhes, que nessa noite não estava deserta, o cavalheiro caminhava pela grande galleria, olhando para todos os lados, procurando saber a razão por que ahi estava; mas ninguem parecia pensar em acercar-se-lhe. Ao cabo de uma hora estava aborrecido e ia-se embora, quando dous mascas-

ras, exactamente iguaes, sentados em almadraxeiras, detiveram-no ao passar. Um delles apontou-lhe o dedo, como si fôra uma pistola ; o outro ergueu-se e foi ter com elle :

— Parece, senhor, disse-lhe o mascara, tomando-lhe o braço negligentemente, que está muito bem com a nossa marquezia.

— Peço-lhe perdão, senhora, mas de quem falla ?

— Bem o sabe.

— Não sei absolutamente.

— Devéras !

— Devéras.

— A côrte inteira sabe-o.

— Não sou da côrte.

— Faz-se de criança. Digo-lhe que se sabe.

— E' bem possivel, senhora, mas eu ignoro-o.

— Não ignora no entanto que ante-hontem um pagem cahio do cavallo perto da

cerca de Trianon. Não estaria o senhor lá por acaso?

— Estava, senhora.

— Não o ajudou a levantar-se?

— Ajudei, sim, senhora.

— E não entrou no castello?

— Entrei.

— E não lhe deram um papel?

— Deram.

— E não o levou ao rei?

— Levei-o.

— O rei não estava em Trianon; andava á caça, a marquezia estava sózinha... não é verdade?

— E'.

— Acabava de acordar; estava apenas vestida, ao que dizem, com um amplo penteador.

— As pessoas a quem se não póde inhibir de fallar, dizem o que lhes vem á cabeça.

— Muito bem; mas parece que trocou-se

entre ella e o senhor um olhar, com que ella não se enfadou.

— O que quer a senhora dizer com isso?

— Que o senhor não lhe desagradou.

— Não sei disso, e muito sentiria que benevolencia tão meiga e tão peregrina, que eu não podia esperar, que tocou-me até o fundo do coração, pudesse motivar alguma interpretação malevola.

— Inflamma-se com bem pouco, cavalleiro; dir-se-hia que vai desafiar a côrte inteira; ha de custar-lhe a matar tanta gente.

— Mas, senhora, si esse pagem cahio, e si eu fui portador da mensagem que elle trazia.... Dê-me licença que lhe pergunte por quem sou interrogado.

O mascara apertou-lhe o braço e disse-lhe:

— Senhor, ouça.

— Tudo quanto quizer, senhora.

— Eis no que agora pensamos. O rei já não ama a marquezia, e ninguem crê que

jámais a houvesse amado. Ella acaba de commetter uma imprudencia; levantou contra si o parlamento inteiro com os seus dous soldos de imposto, e hoje atreve-se a atacar uma potencia ainda maior, a Companhia de Jesus. Ha de succumbir; mas tem suas armas, e, antes de morrer, defender-se-ha.

— Pois bem, senhora, que posso eu fazer?

— Vou dizer-lh'ó. O Sr. de Choiseul está meio brigado com o Sr. de Bernis; não estão certos, nem um nem outro. do que queriam tentar. Bernis vai-se embora, Choiseul tomar-lhe-ha o lugar; uma palavra sua póde decidir de tudo.

— E de que modo, senhora, póde dizer-me?

— Deixando narrar a sua visita de outro dia.

— Que relação póde haver entre a minha visita, os jesuitas e o parlamento?

— Escreva-me algumas palavras; a mar-

queza está perdida. E creia que o mais vivo interesse, o mais completo reconhecimento...

— Ainda uma vez peço-lhe mil perdões, senhora, mas pede-me uma baixaza indigna.

— E haverá dignidade em politica ?

— Não entendo disto. A Sra. de Pompadour deixou cahir o leque diante de mim; apanhei-o, restitui-lh'o; agradeceu-me, permittio-me, com a graça que lhe é peculiar, que por meu turno lhe agradecesse.

— Basta de cumprimentos: o tempo corre; chamo-me a condessa de Estrades. O senhor ama Mlle. d'Annebault, minha sobrinha... não negue, é inutil; o senhor pede o posto de porta-estandarte... tê-lo-ha amanhã, e, si Athenais lhe agrada, será dentro em pouco meu sobrinho.

— Oh! senhora, quanta bondade!...

— Mas é preciso que falle.

— Não, senhora.

— Tinham-me dito que o senhor amava essa menina.

— Tanto quanto é possível amar; mas si em qualquer circumstancia o meu amor póde confessar-se digno della, cumpre que minha honra possa fazer o mesmo.

— O senhor é bem obstinado, cavalheiro! E' essa a sua ultima resposta?

— A ultima como a primeira.

— Recusa então o posto nas guardas? Recusa então a mão de minha sobrinha?

— Por esse preço, senhora, recuso.

A Sra. de Estrades deitou ao cavalheiro um olhar penetrante, cheio de curiosidade; depois, não lhe notando no semblante signal algum de hesitação, afastou-se lentamente e perdeu-se no meio da multidão.

O cavalheiro, não podendo comprehender cousa alguma de tão extranha aventura, foi sentar-se a um canto da galeria:

— O que pretende fazer esta mulher? dizia consigo mesmo; deve ser um tanto

douda. Quer sublevar o Estado por meio de uma tola calúnia, e, para merecer-lhe a mão da sobrinha, propõe que me deshonre! Mas Athenais não quereria mais saber de mim, ou si se prestasse a semelhante trama, eu é que a recusaria! Que! prejudicar á excellente marqueza, diffamal-a, nodoal-a... nunca! não, nunca!...

Sempre fiel ás suas distracções, o cavalleiro muito provavelmente ia erguer-se e fallar alto, quando um dedinho côr de rosa tocou-lhe levemente no hombro. Levantou os olhos, e vio diante de si os dous mascarados iguaes que haviam-no detido.

— Então não nos quer ajudar um pouquinho? perguntou um dos mascarados, disfarçando a voz. Mas, posto que os dous trajos fossem completamente semelhantes e tudo parecesse calculado para causar illusão, o cavalleiro não se enganou. Nem o olhar, nem o som da voz, eram já os mesmos.

— Então o senhor não responde?

— Não, senhora.

— Nem escreve?

— Nem escrevo.

— Realmente é obstinado. Boa noite, tenente.

— O que diz a senhora?

— Aqui está a sua nomeação e o seu contracto de casamento.

E atirou-lhe o leque.

Era o mesmo que o cavalheiro havia já apanhado duas vezes. Os pequeninos amores de Boucher brincavam no pergaminho no meio do nacar dourado. Não podia haver duvida, era o leque da Sra. de Pompadour.

— Oh céos, marquezia! será possível?

— Possibilissimo; disse ella erguendo na altura do queixo a rendinha preta.

— Não sei, senhora, como agradecer...

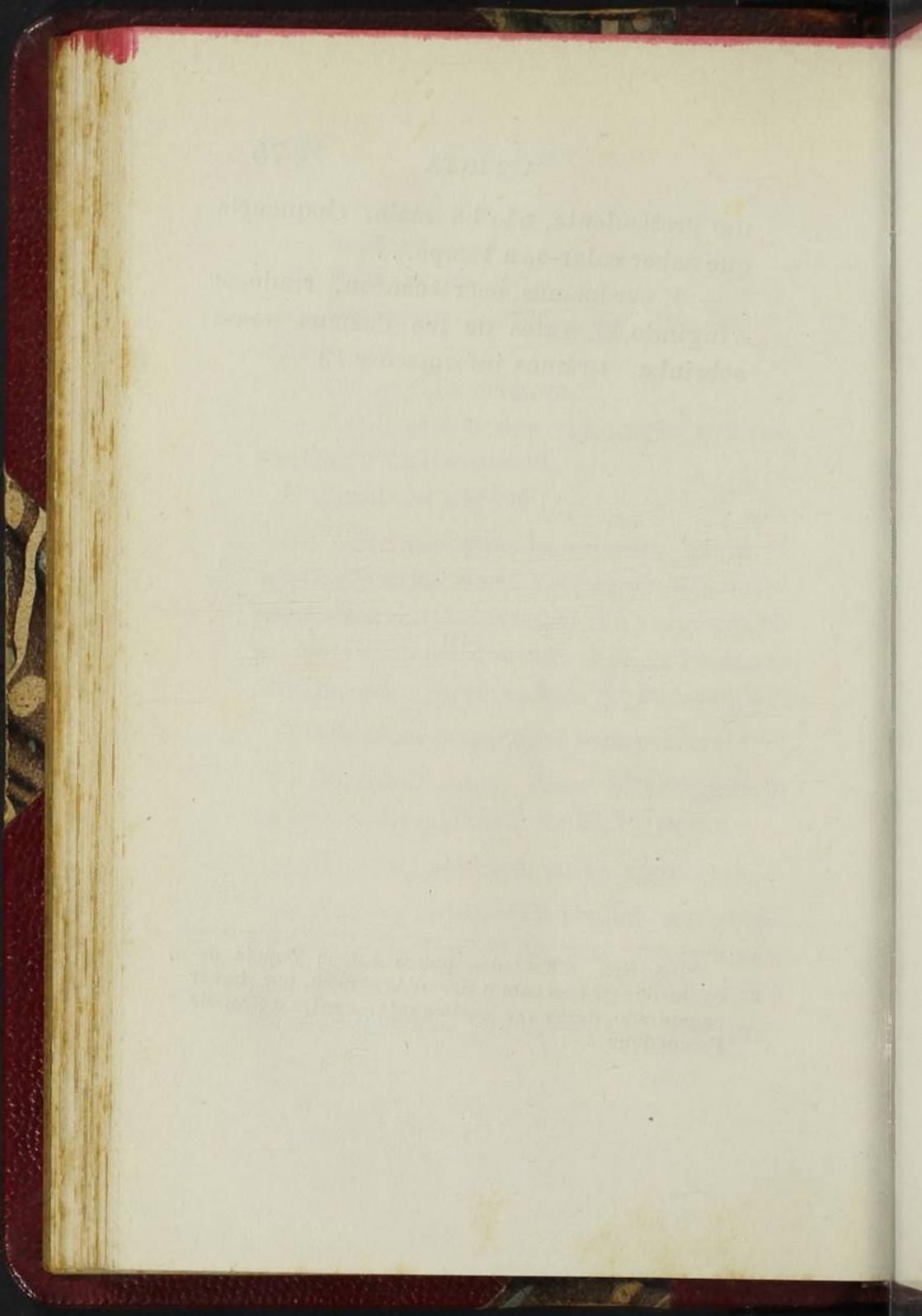
— Não agradeça. O senhor é um cavalheiro, e havemos de nos tornar a vêr, pois está em nossa casa. O rei pôl-o sob a bandeira branca. Lembre-se de que, para

um pretendente, não ha maior eloquencia
que saber calar-se a tempo. . .

— E perdoe-nos, accrescentou, rindo-se
e fugindo, si, antes de lhe darmos nossa
sobrinha, tirámos informações (*)

FIM

(*) A Sra. d'Estrades pouco tempo depois de-
cahiu das graças com o Sr. d'Argenson, por haver
conspirado, dessa vez seriamente, contra a Sra. de
Pompadour.



HISTORIA DE UM MELRO BRANCO

I

Que gloria, mas que trabalhos ser neste mundo um melro excepcional! Não sou nenhum passaro fabuloso, e o Sr. Buffon descreveu-me. Mas, ai de mim! sou extremamente raro e muito difficil de ser encontrado. Oxalá, eu não existisse?

Meu pai e minha mãe eram duas honradas pessoas, que viviam, havia muitos annos, no fundo de um velho jardim escuso do Marais. Era um casal exemplar. Emquanto minha mãe, pousada em uma mouta agreste, punha regularmente tres vezes por anno, e chocava a cochilar com religião patriarchal, meu pai, ainda mais asseiado e petulante, apesar da sua idade avançada, forrageava em torno della o dia inteiro, trazendo-lhe bonitos insectos, que

apanhava delicadamente pela ponta da cauda para não enojar a esposa, e, chegada que fosse a noite, não deixava nunca, quando o tempo estava bom, de presentear-a com uma canção, que alegrava toda a vizinhança. Nunca uma contenda, nunca a menor nuvem viera perturbar tão doce união.

Apenas vim ao mundo, começou meu pai, pela primeira vez em sua vida, a mostrar-se contrariado. Posto que eu apenas fosse ainda de uma côr escura, duvidosa, não reconhecia em mim, nem a côr, nem o porte da sua numerosa prole.

— Que sujo que anda este rapaz, dizia às vezes, olhando-me de soslaio; este garoto deve, certamente, metter-se em quanto monturo e lamaçal encontra, para andar sempre tão feio e enlameado.

— Por vida minha, meu amigo, respondia minha mãe, sempre encolhida como uma bola em uma cuia velha, onde fizera o ninho; não vê que isso é proprio da sua

idade? E você mesmo, quando era moço, não foi um bom vadio? Deixe crescer o nosso melrozinho, e ha de vêr que rapagão não sahe; é dos melhores que tenho posto.

Ao passo que assim tomava a minha defesa, minha mãe não se illudia; via crescer-me a fatal plumagem, que affigurava-se-lhe uma monstruosidade; mas fazia como todas as mãis, que querem mais aos filhos, por isso mesmo que os maltrata a natureza, como si a culpa fosse dellas, ou como se repellissem de antemão a injustiça da sorte que as deve ferir.

Quando chegou a época da minha primeira muda, meu pai tornou-se muito pensativo e considerou-me attentamente. Emquanto cahiram-me as pennas, ainda tratou-me com muita bondade e até deu-me de comer, vendo-me tiritar quasi nú a um canto; mas apenas as minhas miserazinhas azinhas tranzidas começaram de cobrir-se de pennagem, a cada penna branca que vio despontar, ficou em tamanho accesso

de colera que receiei que me depennasse para todo o resto de meus dias. Ai de mim! eu não tinha espelho; ignorava o motivo de tal furor, e a mim mesmo perguntava porque o melhor dos pais mostrava-se para mim tão desapiedado.

Um dia que um raio do sol e a minha plumagem nascente puzeram-me, a pezar meu, nadando em jubilo, volitando em uma alameda, puz-me, por minha desventura, a cantar. A primeira nota que ouvio, meu pai saltou para o ar como um fuso.

— O que ouço? exclamou; será assim que canta um melro? será assim que eu canto? pois isto é cantar?

E descendo para junto de minha mãe com o aspecto o mais ameaçador:

— Malaventurada! disse, quem poz no teu ninho?

A estas palavras minha mãe indignada atirou-se da cuia abaixo, não sem magoar um pé; quiz fallar, mas os soluços embargaram-lhe a voz; cahio no chão quasi des-

fallecida. Vi-a prestes a expirar ; assustado e tremulo de medo, lancei-me aos pés de meu pai.

— Oh meu pai! disse-lhe, si eu canto mal e si estou mal vestido, não castigue minha mãe! Será culpa della haver-me a natureza recusado uma voz como a sua? Será culpa della não ter eu o seu formoso bico amarello e a sua formosa casaca preta á franceza, que o assemelha a um honrado fabriqueiro prestes a comer uma fritada? Si o céo fez de mim um monstro, e si alguém deve soffrer por isso, seja eu ao menos o unico desditoso!

— Não se trata disto, replicou meu pai; o que significa o modo absurdo por que acabas de cantar? quem te ensinou a cantar assim contra todos os usos e todas as regras?

— Ai! senhor, respondi humildemente, cantei como pude, ao sentir-me alegre, porque estava bom o tempo, e por haver talvez comido moscas de mais.

— Não se canta assim na minha familia, proseguiu meu pai fóra de si. Ha seculos que cantamos de pai a filho, e, quando faço-me ouvir á noite, fica sabendo que ha aqui, no primeiro andar, um senhor já velho, e nas aguas furtadas uma costureirinha, que abrem as janellas para ouvirem-me. Pois não sera bastante que eu tenha diante dos olhos a côr detestavel das tuas pennas extravagantes, que te dão esse aspecto enfarinhado de um palhaço de feira? Si eu não fosse o mais pacifico dos melros, já te haveria depennado cem vezes, nem mais nem menos do que um frangão de quintal prestes a ir para o espeto.

— Pois bem! exclamei indignado com a injustiça de meu pai, si assim é, senhor, não seja essa a duvida! furtar-me-hei á sua presença, libertarei os seus olhares desta malaventurada cauda branca, pela qual pucha-me o dia inteiro. Ir-me-hei embora, senhor, fugirei; muitos outros filhos

consolarão a sua velhice, visto que minha mãe põe tres vezes por anno; irei longe de ambos occultar minha desdita, e talvez, accrescentei soluçando, talvez encontre, na horta do vizinho ou na beira do telhado, alguns vermes ou algumas aranhas que sustentem a minha misera existencia.

— Como entenderes, replicou meu pai, longe de commover-se com o meu discurso; não te veja eu mais! Não és meu filho; não és melro.

— E póde dizer-me, senhor, o que sou?

— Não sei, mas não és melro.

Depois destas palavras fulminantes, meu pai afastou-se a passos lentos. Minha mãe ergueu-se tristemente e foi, coxeando, acabar de chorar na sua cuia. Quanto a mim, confuso e desolado, vôi o melhor que pude, e fui, como havia dito, pousar no telhado de uma casa vizinha.

II

Meu pai teve a deshumanidade de deixar-me durante muitos dias nesta posição

mortificadora. Apesar da sua violencia tinha bom coração, e pelos olhares obliquos que deitava-me, eu bem via que elle houvera querido perdoar-me e tornar a chamar-me; minha mãe principalmente levantava de continuo os olhos para mim cheios de ternura, e abalançava-se até ás vezes a chamar-me com uns pios lamentosos; mas a minha horrivel plumagem branca inspirava-lhes, a pezar seu, uma repugnancia e um horror, para os quaes vi bem que não havia remedio.

« Não sou melro! » repetia eu a mim mesmo; e effectivamente limpando as minhas pennas de manhã e mirando-me na agua das goteiras, via muito claramente que parecia-me bem pouco com a minha familia. « Oh céos! repetia ainda, dissei-me o que sou? »

Certa noite que chovia a cantaros, ia eu dormir extenuado de fome e de pezar, quando vi pousar junto de mim um passaro mais molhado, mais pallido e mais

magro do que parecia-me possível. Era mais ou menos da minha côr, tanto quanto pude julgar atravez da chuva que nos inundava; mal tinha no corpo pennas bastantes para vestir um pardal, e era maior do que eu. Pareceu-me logo á primeira vista um passaro completamente pobre e necessitado; mas conservava, apezar da tormenta que maltratava-lhe a fronte quasi despida, um aspecto altivo, que me encantou. Fiz-lhe modestamente uma profunda reverencia, á qual correspondeu com uma bicada, que quasi atirou-me do telhado abaixo. Vendo que eu coçava o ouvido e retirava-me compungido sem tentar responder-lhe na sua lingua:

— Quem és tu? perguntou-me com voz tão rouca como calva era-lhe a cabeça.

— Ai, meu senhor, respondi (receiando segunda estocada) não sei. Suppunha ser melro, mas convenceram-se do contrario.

A singularidade da minha resposta e o meu todo sincero interessaram-no. Appro-

ximou-se de mim e fez-me contar a minha historia, do que desempenhei-me com toda a tristeza e humildade que convinha á minha posição e ao tempo horrivel que corria.

— Si fosses um pombo como eu, disse-me depois de ouvir-me, as tolices com que te affliges não te inquietariam um momento sequer. Nós outros viajamos, é a nossa vida, e tambem temos nossos amores, mas não sei quem é meu pai. Fender o ar, atravessar o espaço, ver aos pés os montes e as planicies, respirar o proprio azul dos céos, e não as exalações da terra, correr como uma setta a um destino marcado, que nunca nos escapa, eis o nosso prazer e a nossa existencia. Ando mais em um dia do que um homem em dez.

— Palavra de honra, senhor, disse eu um tanto animado, o senhor é um passaro bohemio.

— E' outra cousa com que não me incommodo, continuou. Não tenho patria; apenas tres cousas conheço: as viagens,

minha mulher e meus filhos. Onde está minha mulher, ahí está minha patria.

— Mas o que traz o senhor pendurado ao pescoço? Parece um papelote velho e amarrotado.

— São papeis de importancia, respondeu empertigando-se; vou a Bruxellas e levo ao celebre banqueiro *** uma noticia que vai fazer baixar o cambio um franco e setenta e oito centesimos.

— Justo Deos! exclamei, que bella vida é a sua, e Bruxellas, estou certo, deve ser uma cidade muito curiosa de vêr-se. Não poderá levar-me comsigo? Visto que não sou melro, sou talvez pombo.

— Si o fosses, replicou o pombo, ter-me-hias restituído a bicada que ha pouco te dei,

— Está bom, senhor, restituil-a-hei; não briguemos por tão pouco. Eis o dia que vem surgindo e a tormenta que aplaca-se. Por favor, deixe-me acompanhá-lo! Estou perdido, nada mais tenho no mundo, si me

recusa, não me fica mais do que deitar-me a afogar neste cano.

— Pois bem, a caminho! segue-me, si puderes.

Deitei um ultimo olhar ao jardim em que dormia minha mãe. Uma lagrima cahio-me dos olhos; o vento e a chuva levaram-na. Abri as azas e parti.

III

Minhas azas, já disse, não eram ainda muito robustas. Ao passo que o meu guia caminhava como o vento, deitava eu a seu lado a alma pela boca; sustentei-me por algum tempo; mas dentro em pouco tive uma tonteira tamanha, que vi-me prestes a desfallecer.

— Falta ainda muito? perguntei com voz fraca.

— Não, respondeu-me, estamos no Bourget; não temos mais de sessenta leguas a vôar.

Tentei cobrar animo, pois não queria

parecer-me com um pinto molhado, e voei ainda um quarto de hora, mas tambem depois disso estava entregue.

— Senhor, balbuciei de novo, não poderíamos parar um momento? Tenho uma sêde horrivel a torturar-me, e pousando em alguma arvore...

— Vai-te para o diabo! bem mostras que és melro! respondeu-me o pombo incoherisado.

E sem dignar-se voltar a cabeça, continuou a viagem furioso. Quanto a mim, atordado e cégo, cahi em um campo de trigo.

Não sei que tempo durou a minha syncope. Quando voltei a mim, o que primeiro veio-me á memoria, foi a ultima phrase do pombo: « Bem mostras que és melro, » dissera-me. — Oh! meus amados pais, pensei eu, enganastes-vos! Vou tornar para junto de vós; reconhecer-me-heis por vosso verdadeiro e legitimo filho, e restituir-me-heis o meu lugar nesse excel-

lente monte de folhas que fica em baixo do ninho de minha mãe.

Fiz um esforço para levantar-me; mas a fadiga da viagem e a dôr que sentia da quéda paralytavam-me todos os membros.

Apenas ergui-me nos pés, tornei a ficar tonto e cahi de lado.

A horrivel idéa da morte apresentava-se-me já ao espirito, quando por entre os loios e papoulas vi dirigirem-se para mim duas interessantes creaturas. Uma era uma pegazinha muito bem pintada e em extremo faceira, e a outra uma pombinha côr de rosa. A rola parou alguns passos de distancia, com visos de pudor e compaixão para com o meu infortunio; mas a pega aproximou-se aos saltinhos e com extraordinaria graça.

— Ah! meu Deus! misera criança, o que está fazendo ahi! perguntou-me com voz folgasã e argentina.

— Ah! senhora marqueza, respondi (pois devia sê-lo pelo menos) sou um misero

viajante, a quem o postilhão deixou em caminho, e estou quasi a morrer de fome.

— Virgem santa! o que me diz? exclamou.

E immediatamente pôz-se a dar voltas por aqui e por alli nas moutas em derredor, indo e vindo de um para outro lado, trazendo-me uma porção de sementes e fructos, de que fez um montezinho junto de mim, ao passo que continuava nas suas perguntas.

— Mas quem é o senhor? mas donde vem? E' incrivel o que me conta! E para onde ia? Viajar só, tão moço, pois acaba a sua primeira muda! O que fazem seus pais? de onde são? como o deixaram sahir neste estado? E' de fazer arripiar as penas na cabeça!

Emquanto ella fallava, havia-me eu erguido um pouco de lado, e comia com muito appetite. A rôla continuava immovel, contemplando-me sempre com olhos compassivos. No entanto notou que eu voltava

a cabeça languidamente, e comprehendeu que eu tinha sede. Da chuva cahida durante a noite uma gotta estava em uma folhinha de morrião ; recolheu timidamente a perola liquida no biquinho e trouxe-m'a fresquinha. E' fóra de duvida que, si eu não estivera tão doente, a dama pudibunda não aventurára semelhante passo.

Eu não sabia ainda o que era amor, mas o coração palpitava-me violentamente. Entregue a duas emoções diversas, via-me presa de um encanto inexplicavel. Minha despenseira era tão alegre, meu copeiro tão expansivo e tão meigo que quizera almoçar assim por toda a eternidade. Infortunadamente tudo tem um termo, até o appetite de um convalescente. Acabada a refeição e restauradas as minhas forças, satisfiz a curiosidade da pegazinha, e narrei-lhe os meus infortunios com tanta sinceridade quanto o havia feito na vespera ao pombo. A pega ouviu-me com mais attenção do que parecia ter, e a rola teste-

munhou-me de modo encantador quanto achava-se profundamente sensibilizada. Mas quando toquei no ponto capital dos meus padecimentos, isto é, na ignorancia em que estava de mim mesmo :

— Está gracejando ? perguntou a pega ; melro o senhor ! pombo o senhor ! Deixe-se disso ! o senhor é pega, meu querido filho ; pega, sim senhor, e bem bonita, accrescentou, dando-me uma pancadinha com a aza, como si fôra com um leque.

— Mas, senhora marquezia, disse eu, parece-me que para pega tenho uma côr, não leve a mal dizer-lhe....

— Pega russa, meu caro, o senhor é uma pega russa ! Pois não sabe que são brancas ? Pobrezinho, como é innocente !

— Mas, senhora, retruquei, como posso ser pega russa, tendo nascido no fundo do Marais, dentro de uma velha cuia quebrada ?

— Ah ! filho ! E' que é do tempo da invasão, meu amigo ; suppõe que é o unico ? Confie em mim, e deixe tudo por minha

conta ; quero leval-o commigo agora mesmo e mostrar-lhe as mais bellas cousas da terra.

— E aonde, senhora, póde dizer-me ?

—Para o meu palacio verde, mui mimoso; verá que vida ahi se leva. Basta-lhe ser pega um quarto de hora, para não querer mais ouvir fallar de outra cousa. Somos umas cem, não dessas grosseiras pegas de aldêa que pedem esmola á beira das estradas, mas todas nobres e de boa sociedade, esbeltas, vivas e esguias. Nenhuma de nós tem mais nem menos de sete pintas pretas e cinco pintas brancas; é cousa invariavel, e desprezamos o resto do mundo. Faltam-lhe as pintas pretas, é verdade ; mas o seu só predicado de russo bastará para tornal-o bem aceito. Nossa vida cifra-se em duas cousas : palrar e enfeitar-nos. De manhã até ao meio-dia enfeitamo-nos, e do meio-dia até á noite palramos. Cada uma de nós pousa em uma arvore, mais alta e mais velha que é possivel. No meio da

floresta ergue-se um carvalho immenso, infelizmente deshabitado! Era a residencia do finado rei Pega X, aonde vamos em romaria, soltando muitos suspiros; mas afóra esta ephemera tristeza, passamos ás mil maravilhas. Nossas mulheres não são mais delambidas do que nossos maridos ciumentos; mas nossos prazeres são puros e honestos, por isso que temos o coração tão nobre quanto é livre e folgasã a nossa linguagem. Nossa altivez é sem limites, e si algum gaio ou qualquer outro plebeu vem por acaso intrometter-se comnosco, depennamol-o desapiedadamente. Mas por isso não deixamos de ser a melhor gente do mundo, e os pardaes, os melharucos e os pintasilgos, que vivem nas nossas matas acham-nos sempre promptas a soccorrel-os, a alimentar-os e defendêl-os. Em parte alguma ha mais tagarellice que entre nós, e em parte alguma falla-se menos da vida alheia. Temos tambem as nossas velhas pegas beatas que rezam o seu rosario todo

o dia ; porém a mais estouvada das nossas bacharelas póde passar, sem receio de bicada, perto da mais severa matrona. Em summa, vivemos de prazer, de honra, de tagarellice, de gloria e de trapos.

— Acho isto muito divertido, senhora, repliquei, e mal avisado andaria, si não obedecesse ás ordens de pessoa como a senhora. Mas antes de ter a honra de acompanhal-a, faça a mercê de consentir que eu diga uma palavra a esta boa menina que aqui está.— Linda menina, continuei, dirigindo-me á rola, falle-me com franqueza, peço-lhe ; julga que seja realmente pega russa ?

A esta pergunta, a rola baixou a cabeça e tornou-se entre vermelha e pallida, exactamente como as fitas de Lolota.

— Senhor, disse, não sei si devo....

— Em nome do céo, falle ! Minha intenção nada tem de offensivo á senhora, bem pelo contrario. Parecem-me ambas tão

encantadoras, que presto aqui juramento de offerecer meu coração e meu pé áquella das senhoras que os aceitar, apenas saiba si sou pega ou outra cousa; pois, ao contemplal-a, accrescentei, fallando um tanto mais baixo á mocinha, sinto em mim não sei que de pombinho, que atormenta-me singularmente.

—Com effeito, disse a rôla corando ainda mais, não sei si é o reflexo do sol que lhe dá em cima coado por entre estas papoulas, mas as suas pennas parecem-me ter fugitivo colorido....

Não se atreveu a dizer mais.

— Oh! perplexidade! exclamei, como hei de saber resolver-me? como hei de dar o coração a uma das senhoras, quando está tão cruelmente despedaçado? Oh! Socrates! que preceito admiravel, porém difficil de seguir; déste-nos ao dizer: «conhece-te a ti mesmo!»

Desde o dia em que um malaventurado canto havia contrariado tanto a meu pai,

eu não havia mais feito uso da voz. Nessa ocasião occorreu-me lançar mão della como meio de discernir a verdade. «Por vida minha! disse commigo, já que o senhor meu pai poz-me na rua com a primeira copla, a segunda deve produzir algum effeito nestas senhoras!» Tendo conseguintemente começado por cortejal-as polidamente, como para pedir-lhes indulgencia, em razão da chuva que eu apanhára, puz-me a principio a assobiar, depois a gorgear, depois a dar trinados, depois, finalmente, a cantar como um condenado, como um almocreve hespanhol em campo aberto.

A' proporção que eu cantava, a pegazinha afastava-se de mim com surpresa, que tornou-se para logo estupefacção, e que depois mudou-se em um sentimento de terror seguido de profundo desgosto. Descrevia circulos em volta de mim, como gato em volta de um pedaço de toucinho quente em que queimou-se, mas de que quizera ainda

provar. Vendo o effeito da minha experiencia, e desejando leval-a ao cabo, quanto maior impaciencia mostrava a marqueza mais eu estafava-me a cantar. Ella resistio durante vinte cinco minutos aos meus melodosos esforços; por fim, não podendo mais supportar-me, vòu ruidosamente e voltou ao seu palacio de verdura. Quanto á rolinha, havia, quasi desde o principio, adormecido profundamente.

— Amiravel effeito da harmonia! disse commigo. Oh Marais! oh cuia materna! agora mais do que nunca volto a ter convosco!

No momento em que eu abria o vôo para sahir, a rola abriu os olhos.

— Adeus, disse ella, forasteiro tão gentil quanto aborrecido! Chamo-me Gourouli; lembra-te de mim!

— Formosa Gourouli, respondi-lhe, és boa, meiga e encantadora; quizera viver e morrer por ti. Mas és côr de rosa; tamanha felicidade não se fez para mim!

O triste effeito produzido pelo meu canto não deixava de entristecer-me. «Ai, musical ai, poesia! dizia commigo voltando a Pariz, quão poucos corações vos comprehendem!»

No meio destas reflexões, dei com a cabeça na de um passaro que vôava em sentido opposto ao que eu levava. O embate foi tão violento e tão imprevisto que cahimos ambos na cópa de uma arvore que, felizmente, havia nesse sitio. Depois de sacudirmo-nos um pouco, olhei para o recémchegado, aguardando alguma contenda. Vi com surpresa que elle era branco. Realmente tinha a cabeça um tanto maior que a minha, e no alto um como pennacho que dava-lhe aspecto heroe-comico. Demais, tinha a cauda muito levantada, com suprema magnanimidade; quanto ao mais, não me parecia de fórma alguma disposto a brigar. Acercamo-nos um do outro mui cortezmente, e demo-nos mutuas satisfações, depois do que travamos conversação.

Tomei a liberdade de perguntar como chamava-se e de que terra era.

— Estou admirado, disse-me, de que me não conheça. Não é porventura dos nossos?

— Realmente, senhor, respondi, não sei de que familia sou. Todos me reclamam e dizem-me a mesma cousa; parece que andam apostados.

— O senhor está gracejando, replicou; assentam-lhe muito bem as suas pennas para que eu desconheça um irmão. O senhor pertence sem duvida alguma á raça illustre e veneravel chamada em latim *cacuata*, em lingua scientifica *hakatoes*, e no idioma vulgar maitaca.

— A' fé, senhor, que é bem possivel, e seria muita honra para mim. Mas não deixe de fazer como si assim não fôra, e queira ter a bondade de dizer-me a quem tenho a gloria de fallar.

— Sou, respondeu o desconhecido, o grande poeta Kacatogan. Fiz immensas

viagens, senhor, aridos percursos e crueis peregrinações. Não é de hontem que faço versos, e minha musa tem soffrido seus infortunios. Cantarolei no tempo de Luiz XVI, senhor, berrei em favor da republica, cantei nobremente o imperio, louvei discretamente a Restauração, cheguei até a fazer um esforço nestes ultimos tempos, e submetti-me, não sem difficuldade, ás exigencias deste seculo sem gosto. Atirei ao mundo disticos mordazes, hymnos sublimes, graciosos dithyrambos, pias elegias, dramas cabelludos, romances encarapinhados, vaudevilles empoados e tragedias calvas. Em summa, posso gabar-me de haver accrescentado ao templo das Musas alguns festões graciosos, algumas sombrias ameias e alguns engenhosos arabescos. O que quer? estou velho. Mas faço ainda versos frescos, senhor, e tal como me vê, ideava um poema em um canto, que não deve ter menos de seis paginas, quando o senhor levantou-me um gallo na testa. Quanto

ao mais, si lhe posso servir para alguma cousa, estou ás suas ordens.

— Realmente, senhor, bem que o póde, retruquei, pois vê-me neste momento em um grande embaraço poetico. Não me atrevo a dizer que eu seja poeta, e principalmente poeta da sua esphera, accrescentei saudando-o, mas recebi da natureza uma guela que sente comichões quando me sinto a meu gosto, e experimento algum pezar. Para dizer-lhe a verdade, ignoro absolutamente as regras.

— Tambem eu esqueci-as, disse Kacatogan, não se incomode com isso.

— Mas succede-me, continuei, uma cousa incommoda; e vem a ser que a minha voz produz nos que a ouvem pouco mais ou menos o mesmo effeito que a de um certo João de Nivelle no... O senhor sabe o que eu quero dizer?

— Sei, disse Kacatogan; por mim mesmo conheço esse effeito singular. A causa não

me é conhecida, mas o effeito é incontestavel.

— Pois bem, o senhor que parece-me o Nestor da poesia, póde dizer-me si conhece algum remedio para tamanho inconveniente?

— Não, disse Kacatogan. pela minha parte nunca pude encontrar remedio algum. Agonieei-me muito em moço, porque pateavam-me sempre; mas agora já não penso nisso. Creio que essa repugnancia provém de que o povo lê outros além de nós: isso o distrahe.

— Penso como o senhor; mas concordará commigo que é duro, para uma creatura bem intencionada, fazer correr os mais quando tem um bom movimento. Quer fazer-me o favor de ouvir-me, e dar-me sinceramente a sua opinião?

— Com muito gosto, disse Kacatogan; sou todo ouvidos.

Puz-me immediatamente a cantar, e tive a satisfação de vêr que Kacatogan nem fu-

gia, nem adormecia. Contemplava-me fixamente, e, a espaços, inclinava a cabeça com visos de aprovação, e com um como murmurar lisongeiro. Mas percebi dentro em breve que não me ouvia, e que scismava no seu poema. Aproveitando um momento em que eu tomava respiração, interrompeu-me subitamente.

— Até que afinal achei a rima! disse sorrindo e meneando a cabeça; é a 60,714^a que sahe deste cerebro! E atrevem-se a dizer que estou velho! Vou lêr isto aos amigos, vou lêr-lhes, e veremos o que dirão.

Assim fallando, abriu o vôo e desappareceu, não parecendo já lembrar-se de haver-me encontrado.

V

Ficando só e enfiado, o melhor que podia fazer era aproveitar o resto do dia e voar a todo dar até Pariz. Infelizmente não sabia o caminho. A viagem que fizera com o

pombo havia sido muito pouco agradável para deixar-me recordação exacta; de fórma que, em vez de ir direito, tomei á esquerda em Bourget, e, sorprendido pela noite, vi-me obrigado a procurar um pouso nos bosques de Morfontaine.

Recolhiam-se todos quando cheguei. As pegas e os gaios, que, como é sabido, são os que têm peor dormir na terra, altercavam por toda a parte. Nas moutas piavam os pardaes, esvoaçando uns sobre os outros. A' beira d'agua caminhavam sisudamente duas garças, empoleiradas nas suas compridas andas, em attitude meditativa, Jorge Dandins do lugar, esperando pacientemente as esposas. Enormes corvos, meio adormecidos, pousavam pesadamente na grimpa das arvores mais altas, e recitavam as suas fanhosas orações da noite. Mais embaixo os melharucos amorosos perseguiam-se ainda uns aos outros nas ramagens, emquanto um picanço a deitar a alma pela bocca levava a companheira

por diante, para fazel-a entrar no ôco de uma arvore. Batallhões de pardaes chegavam dos campos dansando no ar como nuvens de fumo, e precipitavam-se sobre um arbusto que cobriam litteralmente; tintilhões, toutinegras, pintarroxos grupavam-se ligeiramente em ramos cortados, como os crystaes de um lustre. Por toda a parte resoavam vozes que diziam muito distinctamente :—Vamos, minha mulher! —vamos, minha filha!—Vem, minha bella!—Por aqui, minha amiga!—Aqui estou, meu charo! —Boas noites, minha amada! —Adeus, meus amigos!—Durmam bem, meus filhos!

Que posição para um celibatario, dormir em semelhante pouso! Tive tentações de reunir-me álguns passaros do meu tamanho, e pedir-lhes hospitalidade. — De noite, dizia commigo, todos os passaros são pardos; e, demais, será offensivo álguem dormir polidamente junto?

Dirigi-me primeiro a um valado onde

estavam reunidos os estorninhos. Mudavam a roupa para dormir com peculiarissimo cuidado, e notei que a mór parte delles tinha as azas douradas e os pés envernizados: eram os dandys da floresta. Eram muito bons rapazes, e não me honraram com attenção alguma. Mas as suas palavras eram tão vãs de sentido, narravam uns aos outros com tanta fatuidade seus enredos e conquistas, esfregavam-se tão desastradamente uns nos outros, que foi-me impossivel conservar-me no meio delles.

Fui depois pousar em um galho em que estava enfileirada uma meia duzia de passaros de diferentes especies. Tomei modestamente o ultimo lugar na extremidade do galho, esperando que me tolerassem ahi. Infelizmente a minha vizinha era uma pomba velha, secca como uma ventoinha enferrujada. No momento em que approximei-me della, as poucas pennas que lhe cobriam os ossos mereciam os seus cuida-

dos; fingia limpá-las, mas tinha muito receio de arrancar alguma: passava-lhes apenas uma revista para vêr si estavam certas. Mal toquei-lhe com a ponta da asa, endireitou-se magestosamente.

— O que é que o senhor está fazendo? disse-me apertando o bico com pudor britannico.

— E dando-me uma pancada com a asa, atirou-me ao chão com um vigor que faria honra a um carregador de fardos.

Cahi em um tojal em que dormia uma gorda perdiz. Minha propria mãe na sua cuia não tinha tantos ares de beatitude. Estava tão refestelada, tão distendida, tão bem deitada em cima do seu triplice ventre, que tomal-a-hiam por uma empada cuja crosta houvessem comido. Insinuei-me furtivamente junto della.

— « Não póde acordar, disse com os meus botões, e em todo o caso uma mamãe tão gorducha não póde ter muito máu genio.»

Effectivamente não tinha. Descerrou apenas os olhos e disse-me soltando um suspirosinho:

— Estás me incommodando, menino, vai-te embora.

No mesmo instante chamaram-me: eram uns tordos que de cima de uma sorveira acenavam-me que fosse para lá.—« Eis afinal umas almas boas », pensei. Deram-me lugar rindo como doudas, e esgueirei-me tão promptamente para o meio do grupo emplumado como uma cartinha de namoro em um manguito. Mas não tardou muito que eu não visse que essas senhoras haviam comido mais uvas do que é razoavel comer; mal sustentavam-se nos ramos, e os seus gracejos grosseiros, as suas gargalhadas e as suas cantigas toldadas obrigaram-me a sahir.

Já ia perdendo a paciencia, e tratava de adormecer em um canto solitario, quando um rouxinol poz-se a cantar. Immediatamente todos calaram-se. Ai! como era

pura a sua voz ! como a sua propria melancolia parecia suave ! Longe de perturbar o somno dos mais, os seus accordes pareciam embalal-o. Ninguem pensava em mandal-o calar, ninguem achava máu que entoasse a sua canção a taes deshoras ; o pai não o castigava, os amigos não fugiam.

— Então só a mim, exclamei, é prohibido ser feliz ! Saiamos, fujaamos desta sociedade cruel ! Antes procurar o meu caminho no meio das trevas, correndo o risco de ser devorado por algum mocho, do que deixar-me assim despedaçar o coração com o espectaculo da felicidade dos outros !

Com esta idéa tornei a pôr-me a caminho e erreí muito tempo ao acaso. Aos primeiros albores do dia avistei as torres de Notre Dame. Em um lance de olhos alcancei-as, e não levei muito tempo que não reconhecesse o nosso jardim. Voei para lá mais rapido que o relampago... Ai de mim ! estava vasio... Em vão chamei por por meus pais : ninguem respondeu-me.

A arvore em que pousava meu pai, a mouta materna, a cuia amada, tudo havia desaparecido. O machado tudo destruiu; em vez da verde alameda em que eu nascera, havia apenas um cento de feixes de lenha.

VI

Comecei por procurar meus pais em todos os jardins dos arredores, mas em balde o fiz; haviam-se sem duvida refugiado em algum sitio afastado, e nunca mais tive noticia delles.

Presas de horrivel pezar, fui empoleirar-me no telhado para onde a colera paterna primeiro me exilara. Ahi passei dias e noites deplorando a minha misera existencia. Já não dormia, comia apenas: estava quasi a morrer de dôr.

Um dia em que lastimava-me na fórma do costume:

— Assim pois, dizia commigo mesmo em voz alta, não sou nem melro, pois que meu pai depennava-me; nem pombo, pois

que cahi no caminho quando quiz ir á Belgica ; nem pega russa, pois que a marquezinha tapou os ouvidos apenas abri o bico : nem rôla, pois que Gourouli, até a bondosa Gourouli, resomnava como um frade emquanto eu cantava, nem papagaio, pois que Kacatogan não se dignou ouvir-me; nem um passaro qualquer, emfim, pois que em Morfontaine deixaram-me dormir sósnho. E no emtanto tenho pennas no corpo; aqui estão pés e aqui estão azas. Não sou um monstro, e a prova é que Gourouli e a propria marquezinha achavam-me muito do seu agrado. Por que mysterio inexplicavel estas pennas, estas azas e estes pés não haviam de formar um todo a que se pudesse dar um nome? Não serei eu acaso...

Ia proseguir nos meus queixumes, quando fui interrompido por duas porteiras que disputavam na rua.

— Ah! com a bréca! disse uma dellas á outra, si o conseguires, faço-te presente de um melro branco!

— Justo Deus! exclamei, eis a cousa. Oh Providencia! sou filho de um melro, e sou branco : sou um melro branco !

Semelhante descoberta, cumpre confessal-o, modificou muito minhas idéas. Em vez de continuar a lamentar-me, comecei a empertigar-me e a andar altivamente pela beira do telhado, encarando o espaço com aspecto victorioso.

— E' alguma cousa, disse a mim mesmo, ser um melro branco : isso não se encontra assim por dá cá aquella palha. Bem tolo era eu em affligir-me por não encontrar um semelhante : é a sorte do genio, é a minha ! Queria evitar o mundo, quero fazel-o passar ! Visto que sou esse passaro sem igual cuja existencia o vulgo nega, devo e pretendo proceder como tal, tal qual a Phenix, e desprezar os demais volateis. E' necessario que eu compre as memorias de Alfieri e os poemas de lord Byron ; esta alimentação substancial inspirar-me-ha nobre orgulho, além do que Deus me deu.

Sim, quero augmentar, si é possível, o prestigio do meu nascimento. A natureza fez-me raro, far-me-hei mysterioso. Ha de ser uma mercê e uma gloria ver-me.—E é verdade, accrescentei mais baixo, si eu me mostrasse só por dinheiro? — Ora vamos! que indigna idéa! Quero compôr um poema como Kacatogan, não em um canto, mas em vinto quatro, como todos os homens celebres: não basta, terá 48, além das notas e appendices! E' preciso que o universo saiba que existo. Não deixarei nos meus versos de deplorar o meu isolamento; mas ha de ser por tal arte que os mais ditosos ter-me-hão inveja. Já que o céo recusou-me uma companheira, direi horrores das dos outros. Provarei que tudo está muito verde, afóra as uvas que como. Os rouxinóes que se apertem; demonstrarei, como dous e dous são quatro, que os seus queixumes fazem mal ao coração, e que a sua quitanda nada vale. Preciso ir procurar Charpentier. Quero começar por crear uma poderosa posição lit-

teraria. Pretendo ter em torno de mim uma côrte composta, não só de jornalistas, sinão de autores verdadeiros e até de mulheres de lettras. Hei de escrever um papel para a Rachel, e si ella não o quizer representar, publicarei ao som de trombeta que o seu talento é muito inferior ao de uma velha actriz de provincia. Hei de ir a Veneza, e hei de alugar, nas margens do grande canal, no meio dessa cidade de fadas, o bello palacio Mocenigo, que custa quatro libras e dez soldos por dia; ahi hei de inspirar-me em todas as recordações que o autor de *Lara* deve ter deixado. Do fundo da minha solidão, innundarei o mundo com um diluvio de rimas crusadas, calcadas sobre a estrophe de Spencer, em que consolarei a minha grande alma; farei suspirar todas as melharucas, arrullhar todas as pombas, banhar-se em pranto todas as gallinholas e urrar todas as corujas. Mas, quanto ao que toca á minha pessoa, mostrar-me-hei inexoravel e inacessivel ao

amor. Embalde hão de instar commigo e hão de supplicar-me que me compadeça das malaventuradas seduzidas pelos meus cantos sublimes; a tudo isso responderei: « Salta ! » Oh excesso de gloria ! meus manuscritos se hão de vender a peso de ouro, meus livros hão de atravessar os mares ; o renome, a fortuna, hão de seguir-me a toda a parte ; só parecerei indifferente aos murmurios da multidão que me ha de cercar. Em resumo, hei de ser um perfeito melro branco, um verdadeiro escriptor excentrico, festejado, afagado, admirado, invejado, mas totalmente rabugento e insupportavel.

Não me foram precisas mais de seis semanas para dar a lume a minha primeira obra. Era, como a mim mesmo havia promettido, um poema em quarenta e oito cantos. Notavam-se-lhe algumas negligencias, provenientes da prodigiosa fecundidade com que o havia escripto ; mas calculei que os leitores de hoje, costumados á

bella litteratura que se edita na fralda dos jornaes, não m'as exprobraria.

Tive exito digno de mim, isto é, sem igual. O assumpto da minha obra não era outra cousa mais do que eu mesmo : nisso conformei-me com o uso recebido em nosso tempo. Narrava meus passados soffrimentos com encantadora fatuidade; punha o leitor ao facto de mil pormenores domesticos do mais vivo interesse; a descripção da cuia materna não enchia menos de quatorze cantos: contava-lhe os entalhes, os buracos, as saliencias, as lascas, as farpas, os pregos, as manchas, as tintas varias, os reflexos; mostrava-lhe o interior, o exterior, as bordas, o fundo, os lados, os planos inclinados, os planos direitos; passando ao conteúdo, estudára os raminhos, as palhas, as folhas seccas, os pedacinhos de páu, os grãos de areia, as gotas d'agua, os restos de moscas, as pernas quebradas de besouros que ahi havia; era uma descripção encantadora.

Mas não vão pensar que a imprimi de uma assentada ; ha leitores impertinentes que tel-a-hiam pulado. Cortára-a habilmente aos pedaços, e entresachára-a na narração, para que nada se perdesse ; de fórma que na passagem mais interessante e mais dramatica, surdiam quinze paginas de escudella. Eis, creio eu, um dos grandes segredos da arte, e, como não sou avaro, delle se aproveite quem quizer.

A Europa inteira commoveu-se com o apparecimento do meu livro ; devorou as revelações intimas que me aprouve fazer-lhe. Como não ser assim ? Não só eu enumerava todos os factos que prendiam-se á minha pessoa, mas dava ainda ao universo um quadro completo de todos os sonhos que haviam-me passado pela cabeça desde a idade de dous mezes ; chegára a intercalar, no melhor lugar, uma ode composta dentro de meu ovo. Demais está entendido que não me esquecia de tratar de passagem o magno assumpto que agora

preoccupava tanta gente, a saber, o futuro da humanidade. Este problema parecera-me interessante; esbocei-lhe, em um momento de lazer, uma solução que foi tida geralmente como satisfactoria.

Mandavam-me todos os dias cumprimentos em verso, cartas de felicitação e declarações de amor anonymas. Quanto á visitas, seguia rigorosamente o plano que para mim traçára; minha porta estava fechada para todos. Não pude no entanto deixar de receber dous estrangeiros que se haviam annunciado como meus parentes.

Um era o melro do Senegal, e o outro um melro da China.

— Ah! senhor, disseram abraçando-me quasi até afogarem-me, que grande melro é o senhor! como pintou bem, no seu poema immortal, o profundo soffrimento do genio desconhecido! Si já não fossemos tão mal comprehendidos, mais nos tornáramos depois de havel-o lido. Como sympathizamos com as suas dores, com o seu su-

blime desprezo pelo vulgo! Também nós, senhor, por nós mesmos conhecemos os secretos pezares que o senhor cantou! Eis aqui dous sonetos que compuzemos com as mesmas rimas, e que lhe pedimos queira aceitar.

— Aqui está também, acrescentou os chinez, musica que minha esposa compoz sobre um trecho do seu prefacio. Traduz maravilhosamente a intenção do autor.

— Senhores, disse-lhes, tanto quanto posso julgar, parecem-me suas mercês dotadas de excellente coração e de espirito cheio de luzes. Mas desculpem-me si lhes faço uma pergunta. Donde provêm a sua melancolia?

— Ah! senhor, respondeu o habitante do Senegal, veja como sou feito. Minha plumagem, é verdade, é agradável de vêr-se, e sou revestido desta bonita côr verde que vê-se brilhar nos patos; mas tenho o bico muito curto e o pé muito grande; e veja que cauda carrego! O comprimento do

corpo não chega a dous terços. Não será isto para a gente dar-se a perros?

— Quanto a mim, senhor, disse o chinês, meu infortunio é ainda maior. A cauda de meu amigo varre as ruas; mas os garotos apontam-me a dedo, porque a não tenho.

— Senhores, continuei, lamento-os de todo o meu coração; é sempre incommodo ter de mais ou de menos qualquer cousa. Mas permittam-me que lhes diga que ha no Jardim das Plantas muita gente parecida com os senhores, e que lá conserva-se ha muito tempo, mui pacificamente empalhada. Da mesma arte que não basta a uma mulher de lettras não ter pudor para fazer um bom livro, tambem não é sufficiente a um melro estar descontente para ser um genio. Sou o unico da minha especie, e com isso afflijo-me; talvez faça mal, mas é direito meu. Sou branco, senhores; tornem-se brancos, e veremos o que podem então dizer.

VIII

Apezar da resolução que tomára e da tranquillidade que simulava, eu não era feliz. O meu isolamento, nem por ser glorioso parecia-me menos penoso, e não podia pensar sem terror na necessidade em que me via de passar a vida inteira no celibato. A volta da primavera peculiarmente causava-me um incommodo mortal, e eu começava de novo a ficar triste, quando uma circumstancia imprevista decidio de minha vida inteira.

Diga-se de passagem que meus escriptos haviam atravessado a Mancha, e que os inglezes os disputavam á porfia. Os inglezes disputam tudo á porfia, afóra o que comprehendem. Recebi um dia de Londres uma carta assignada por uma melra.

« Li o seu poema, dizia-me ella e a admiração que senti resolveu-me a offerecer-lhe minha mão e minha pessoa. Deus creou-nos um para o outro! Sou semelhante ao senhor, sou uma melra branca!...»

Imagina-se facilmente minha surpresa e meu jubilo. Uma melra branca! Disse commigo, será possível? Já não sou pois sósinho no mundo! Dei-me pressa em responder á formosa desconhecida, e fil-o de modo que significava quanto a sua proposta penhorava-me. Instei com ella para que viesse a Pariz ou que me permitisse voar para junto della. Respondeu-me que preferia vir, porque a familia aborrecia-a, que poria em ordem os seus negocios e que eu vel-a-hia dentro em pouco.

Veio com effeito alguns dias depois. Oh ventura! era a mais linda melra do mundo, e ainda mais branca que eu.

— Ah! donzella minha, exclamei, ou antes, senhora, pois desde já considero-a como minha legitima esposa, será crível que tão encantadora creatura existisse na terra sem que a fama pregoasse sua existencia? Abençoados infortunios os que soffri e as bicadas que deu-me meu pai, visto que o céu reservava-me tão inesperada

consolação ! Até hoje julgava-me condenado á eterna solidão, e, para fallar-lhe francamente, era cruz difficil de carregar ; mas sinto em mim, ao contemplal-a, todos os predicados de um pai de familia. Aceite minha mão sem mais demora ; casemo-nos á ingleza, sem cerimonia, e partamos juntos para a Suissa.

— Não entendo assim, respondeu-me a melrasinha ; quero que as nossas bodas sejam magnificas, e que quantos melros bem nascidos houver em França assistam a ellas solemnemente. Pessoas como nós têm para com a sua propria gloria o dever de não casar como gatos de telhado. Trouxe um sortimento de *bank-notes*. Faça os seus convites, vá á casa dos seus fornecedores, e não poupe os refrescos.

Conformei-me cegamente com as ordens da melra branca. Nossas bodas foram de um luxo esmagador ; comeram-se dez mil moscas. Recebemos a benção nupcial de um reverendo padre Cormoran, arcebispo

in partibus. Um baile esplendido poz remate ao dia: em summa, nada faltou á minha ventura.

Quanto mais eu estudava o character de minha encantadora esposa, mais crescia meu amor. Reunia na sua pessoasinha todos os dotes da alma e do corpo. Era um tanto delambida; mas attribui isso á influencia das nevoas inglezas no meio das quaes vivêra atéahi, e tinha como certo que o clima da França dissiparia dentro em breve essa tenue nuvem.

O que inquietava-me mais seriamente era esse como mysterio de que ás vezes cercava-se com singular rigor, fechando-se á chave com as suas creadas graves, e passando assim horas inteiras a vestir-se, segundo dizia. Os maridos não gostam muito de taes fantasias na sua casa. Succedêra-me vinte vezes bater no aposento de minha mulher sem poder obter que abrissem-me a porta. Isto impacientava-me cruelmente. Um dia, entre outros, in-

sisti tão agastado que vio-se obrigada a ceder e abrir-me a porta um tanto ás pressas, não sem queixar-se muito da minha inoportunidade. Notei ao entrar uma grande garrafa cheia de uma como colla feita de farinha e greda. Perguntei á minha mulher que emprego tinha aquella preparação; respondeume que era um opiato para as frieiras de que soffria.

Esse opiato pareceu-me um tanto turvo; mas que desconfiança podia inspirar-me uma moça tão meiga e tão assizada, que se me consagrou com tanto enthusiasmo e com tamanha sinceridade? A principio eu ignorava que minha amada fosse mulher de penna; confessou-m'o ao cabo de algum tempo, e chegou a mostrar-me o manuscripto de um romance em que imitára a um tempo Walter Scott e Scarron. Deixo que imaginem o prazer que me causou tão grata sorpresa. Não só via-me senhor de incomparavel belleza, mais tinha ainda a

certeza de que a intelligencia de minha companheira era de todo o ponto digna de meu genio. Desde então trabalhamos juntos. Emquanto eu compunha o meu poema, ella borrava resmas de papel. Recitava-lhe meus versos em voz alta, e isso não a inhibia de escrever nessa mesma occasião. Compunha os seus romances com facilidade quasi igual á minha, escolhendo sempre os assumptos mais dramaticos, parricidios, raptos, assassinatos, e até gatunices, tendo sempre o cuidado de atacar de passagem o governo e de pregar a emancipação das melras. Em uma palavra, nenhum esforço era difficil ao seu espirito, nenhum milagre ao seu pudor; nunca lhe succedia riscar uma linha, nem fazer um rascunho antes de metter mãos á obra. Era o typo da melra lettrada.

Um dia que entregava-se ao trabalho com inusitado ardor, notei que suava em bagas, e fiquei admirado de ver-lhe ao

mesmo tempo uma grande mancha negra nas costas.

— Oh ! meu Deus ! disse-lhe, o que é isto ? está doente ?

Pareceu a principio um tanto assustada e até interdicta ; mas o muito traquejo que tinha do mundo ajudou-a para logo cobrar o imperio admiravel que tinha sempre sobre si propria. Disse-me que era uma mancha de tinta, e que era muito sujeita a isso nos seus momentos de inspiração.

— Será possivel que minha mulher esteja perdendo a còr ? — disse baixo a mim mesmo. Este pensamento impedio-me de dormir. A garrafa de cola voltou-me á memoria.—Oh céus ! exclamei, que suspeita ! Esta creatura celeste não passará de uma pintura, de uma caiacão ? ter-se-ha envernizado para illudir-me ?... Quando suppunha apertar sobre meu coração a irmã de minha alma, o ente privilegiado, creado

só para mim, teria então desposado um pouco de farinha?

Atormentado por esta duvida horrivel, formei o designio de libertar-me della. Comprei um barometro, e esperei avidamente que houvesse um dia de chuva. Pretendia levar minha mulher ao campo, escolher um domingo duvidoso, e tentar a prova de uma lavagem. Mas estavamos em pleno mez de Julho; estava um tempo horrivelmente bom.

A apparencia da felicidade e o habito de escrever haviam-me superexcitado a sensibilidade. Ingenuo como eu era, succedia-me ás vezes, quando trabalhava, ser o sentimento mais forte que a idéa e pôr-me a chorar esperando a rima. Minha mulher gostava muito dessas raras occasiões; toda a fraqueza masculina lisongeia o orgulho feminino. Certa noite que eu limava uma passagem riscada, segundo o preceito de Boileau, succedeu que o meu coração abriu-se.

— Oh tu! disse á melra adorada, tu, ente unico e bem amado! tu, sem a qual minha vida é um sonho! tu, cujo olhar, cujo sorriso metamorphoseam para mim o universo, vida de meu coração, sabes quanto te amo? Para pôr em verso uma idéa banal já estafada por outros poetas, algum estudo e attenção fazem-me encontrar facilmente expressões; mas onde irei buscal-as para exprimir-te o que a tua belleza me inspira? A propria lembrança dos meus passados soffrimentos poder-me-hia fornecer uma palavra para fallar-te da minha felicidade presente? Antes que tivesses vindo ter commigo, o meu isolamento era o de um orphão exilado; hoje é o de um rei. Neste fragil corpo, de que tenho o simulacro até que a morte faça delle um despojo, neste pequeno cerebro febricitante, onde fermenta um pensamento inutil, sabes, meu anjo, comprehendes, minha bella, que nada possa haver que te não pertença? Escuta o que meu cerebro pôde dizer, e sente

quanto o meu amor é ainda maior! Oh! podesse o meu genio ser uma perola, e seres tu Cleopatra.

A taes disparates chorava eu emcima de minha mulher, e ella ia largando visivelmente a côr. A cada lagryma que cahia-me dos olhos, apparecia uma penna, não já negra, mas velha e russa (creio que já não era a primeira vez que largava a côr.) Depois de alguns momentos de ternura, achei-me diante de um passaro desgrudado e desenfarinado, perfeitamente semelhante aos melros mais vulgares e mais pifios.

O que fazer? o que dizer? que resolução tomar? Toda a exprobração era inutil. Bem pudera, é verdade, considerar o caso como redhibitorio, e annullar o casamento; mas como publicar a minha vergonha? Não bastava o meu infortunio? Revesti-me de valor, resolvi deixar o mundo, abandonar a carreira das lettras, metter-me em um deserto, si me fosse possivel, evitar para sem-

pre o aspecto de toda a creatura viva, e procurar, como Alcestes,

. . . . Um sitio affastado,
Em que ser melro branco fosse dado?

IX

Nisto vòei, sempre chorando; e o vento que é o acaso dos passaros, levou-me a um galho de Morfontaine. Desta vez, estavam todos accommodados. — Que casamento! dizia commigo, que contrariedade! Foi certamente com boa intenção que essa coitada pintou-se de branco; mas nem por isso sou menos digno de lastima, e ella menos russa.

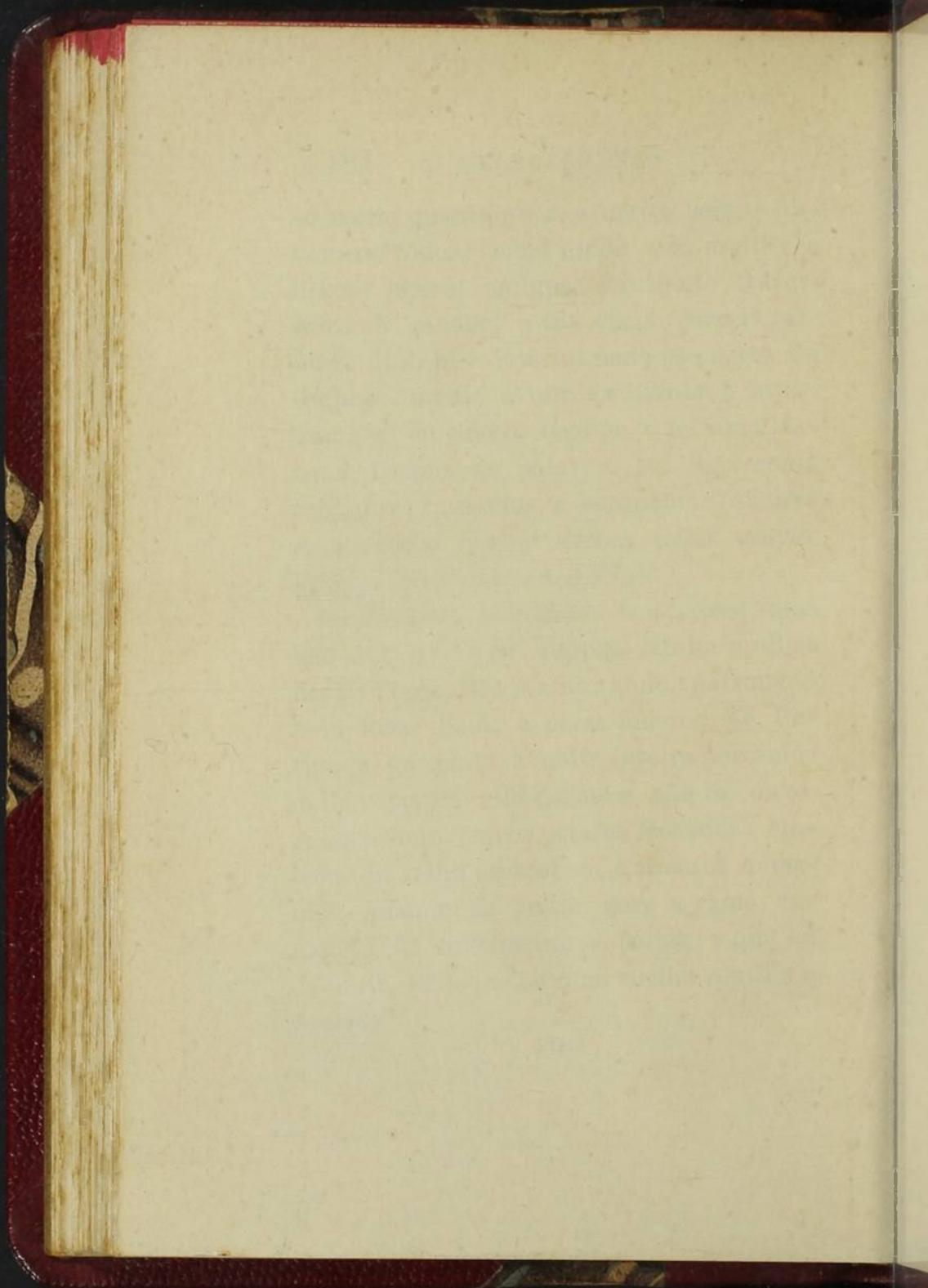
O rouxinol cantava ainda. Só, no seio da noite, gosava fartamente do beneficio de Deus que o torna tão superior aos poetas, e entregava livremente o seu pensamento ao silencio que o cercava. Não pude resistir á tentação de ir ter com elle e fallar-lhe.

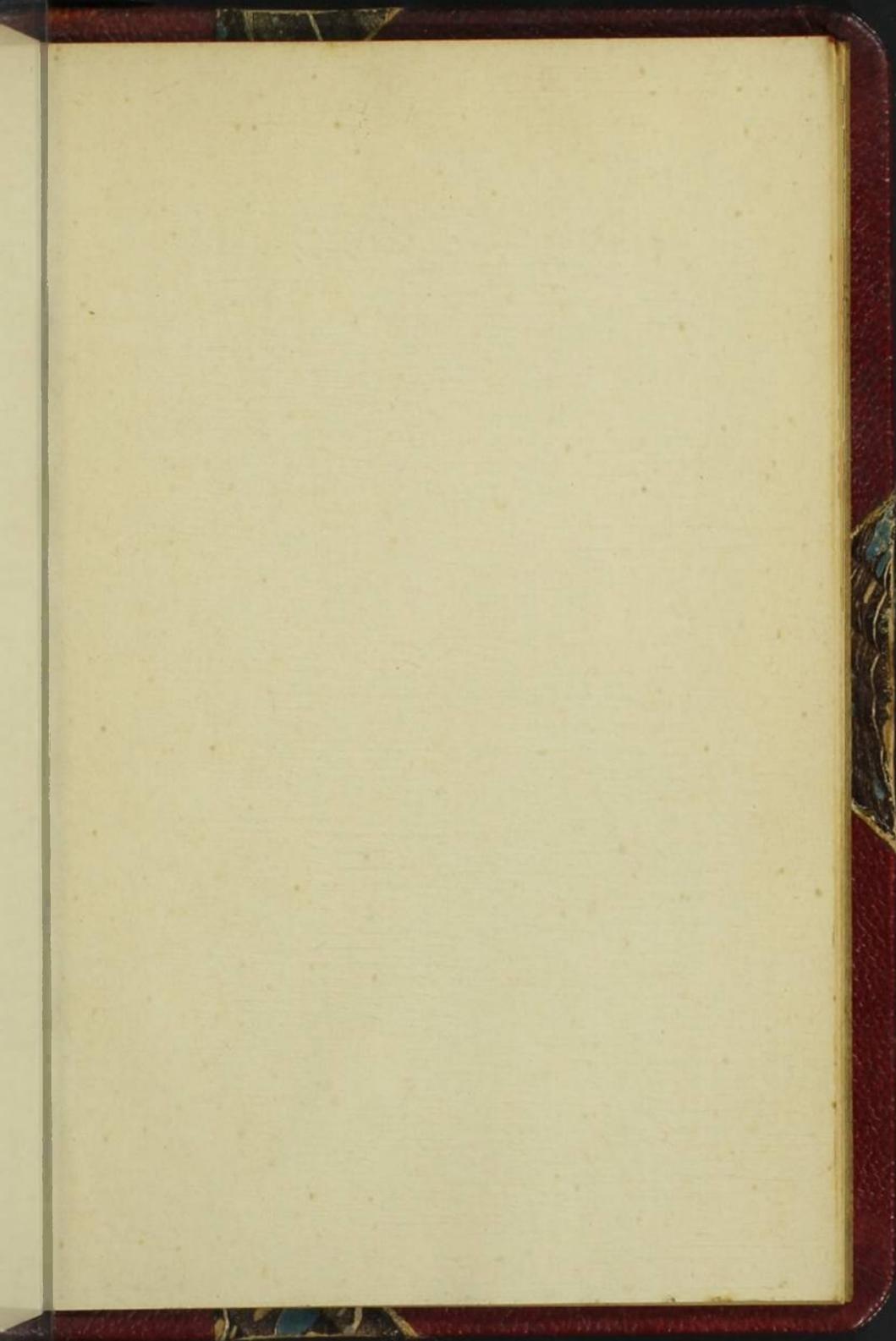
— Como o senhor é feliz! disse-lhe: não

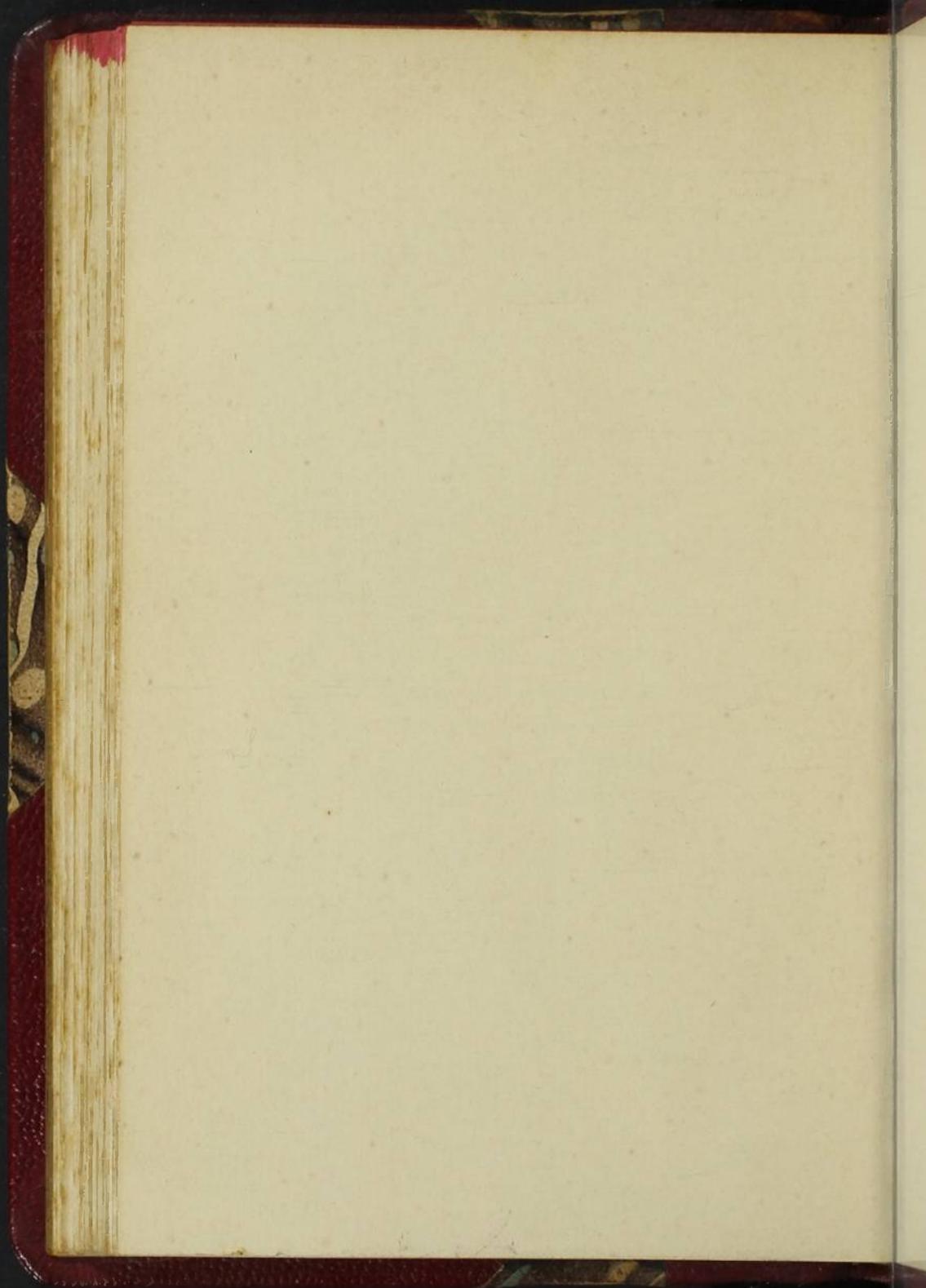
só canta quanto quer, e muito bem, e ouvem-no todos; como ainda tem mulher e filhos, ninho, amigos, excellente travesseiro de musgo, a lua cheia e não lê jornaes. Rubini e Rossini nada são perto do senhor: iguala a um e adivinha o outro. Tambem eu cantei, senhor, e foi uma lastima. Dispuz as palavras em filas como soldados prussianos, e coordenei frioleiras enquanto o senhor errava pelas matas. Póde-se saber o seu segredo?

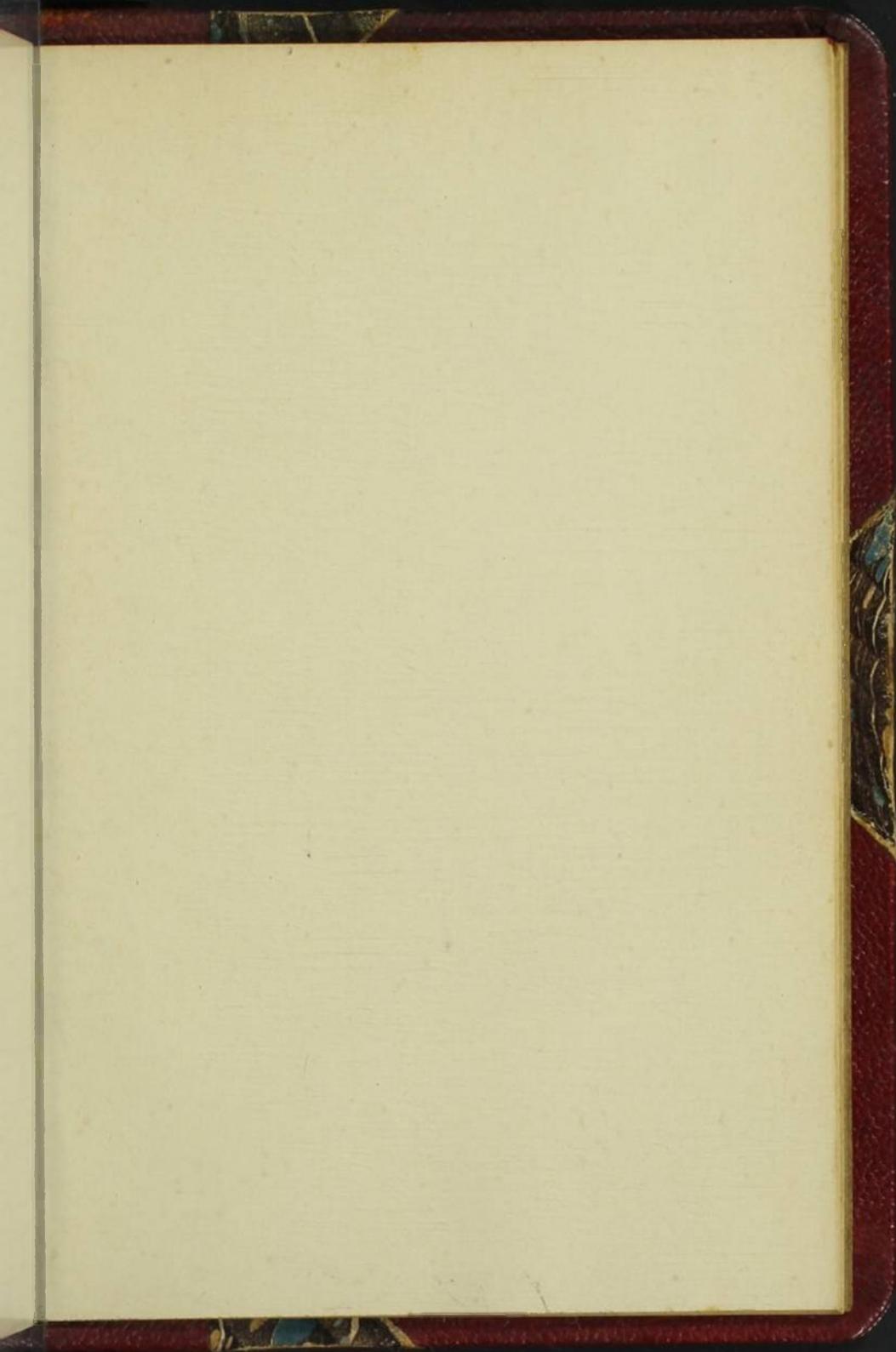
— Póde-se, respondeu o rouxinol, mas não é o que o Sr. suppõe. Minha mulher desgosta-me, não a amo; ando apaixonado pela rosa: Sadi, o persa fallou disso. Fatico a garganta a noite inteira por amor della; porém ella dorme e não me ouve. A esta hora tem os petalos fechados: embala um velho escarabeu, e amanhã demanhã, quando eu voltar para a cama, exhausto de soffrimento e fadiga, é que ha de abrir, para que alguma abelha rôa-lhe o coração!

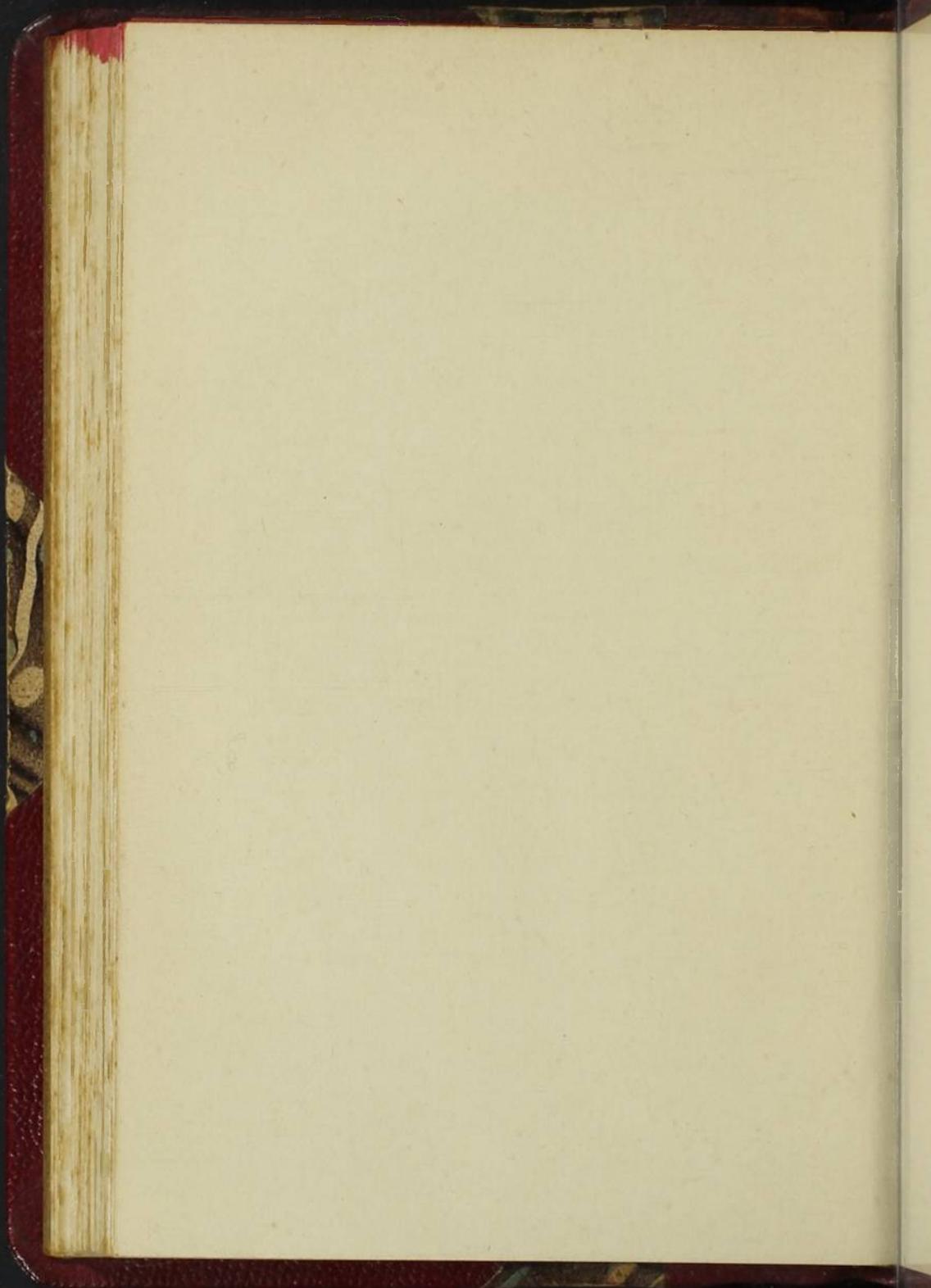
FIM

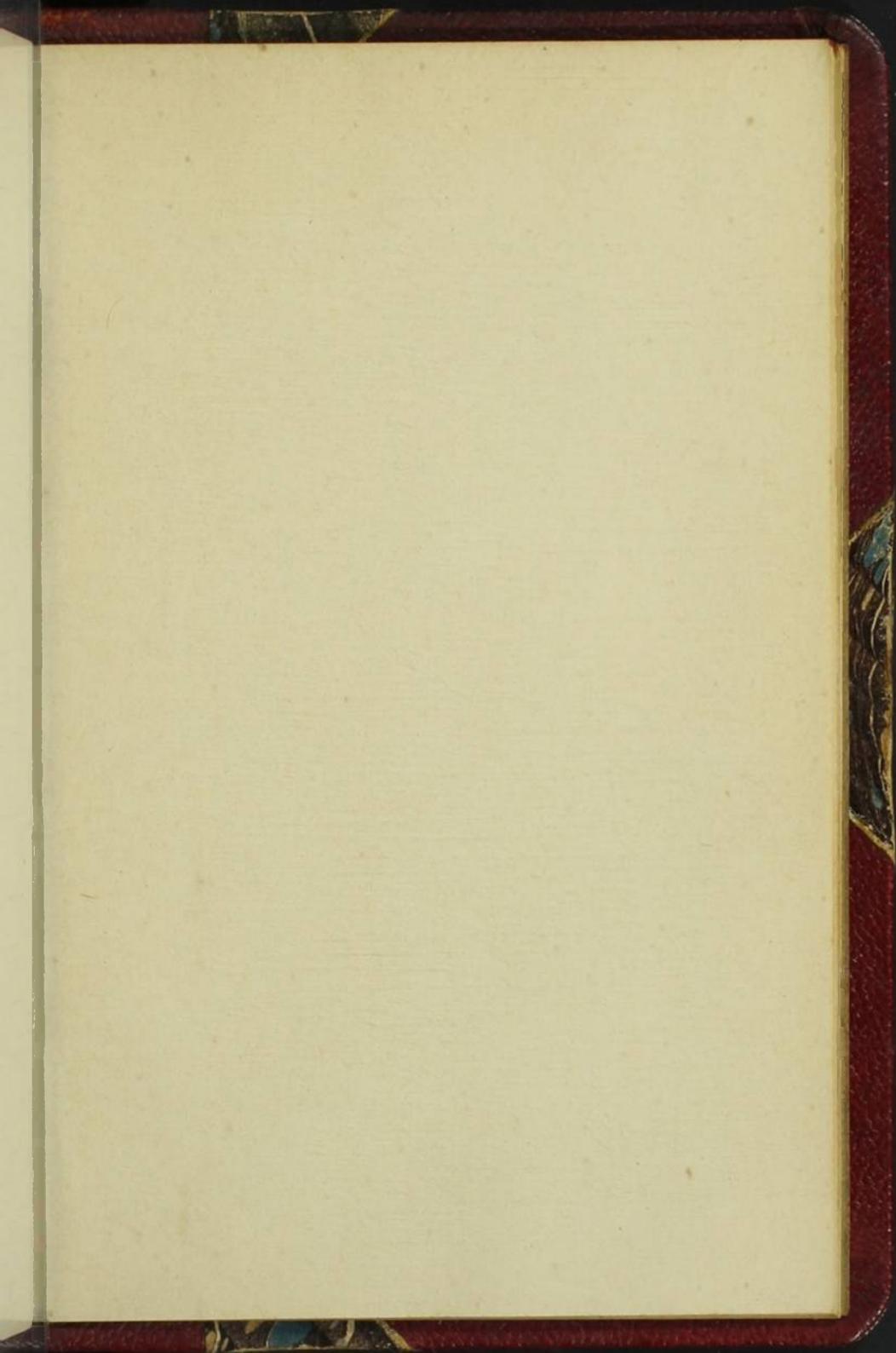


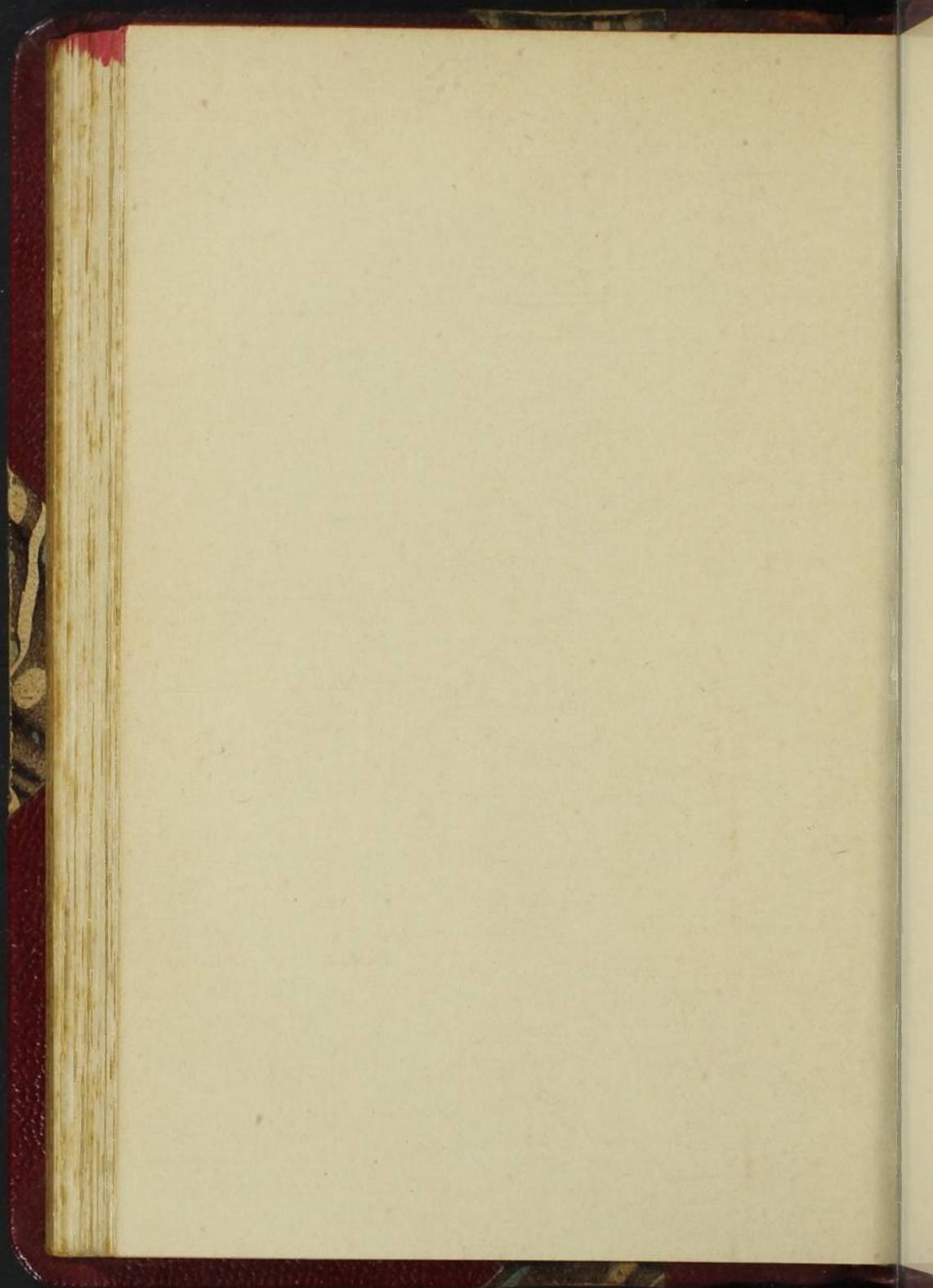


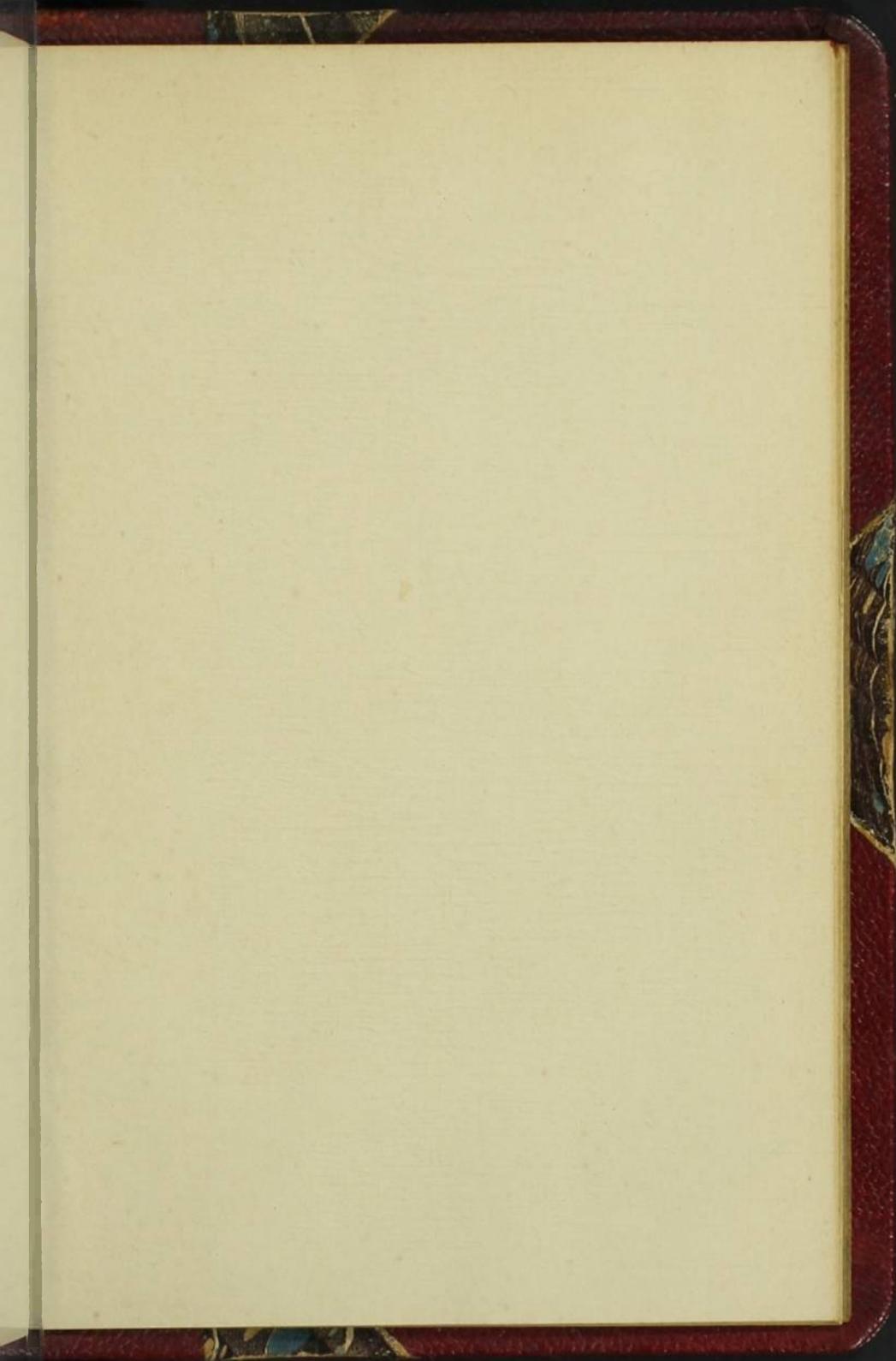


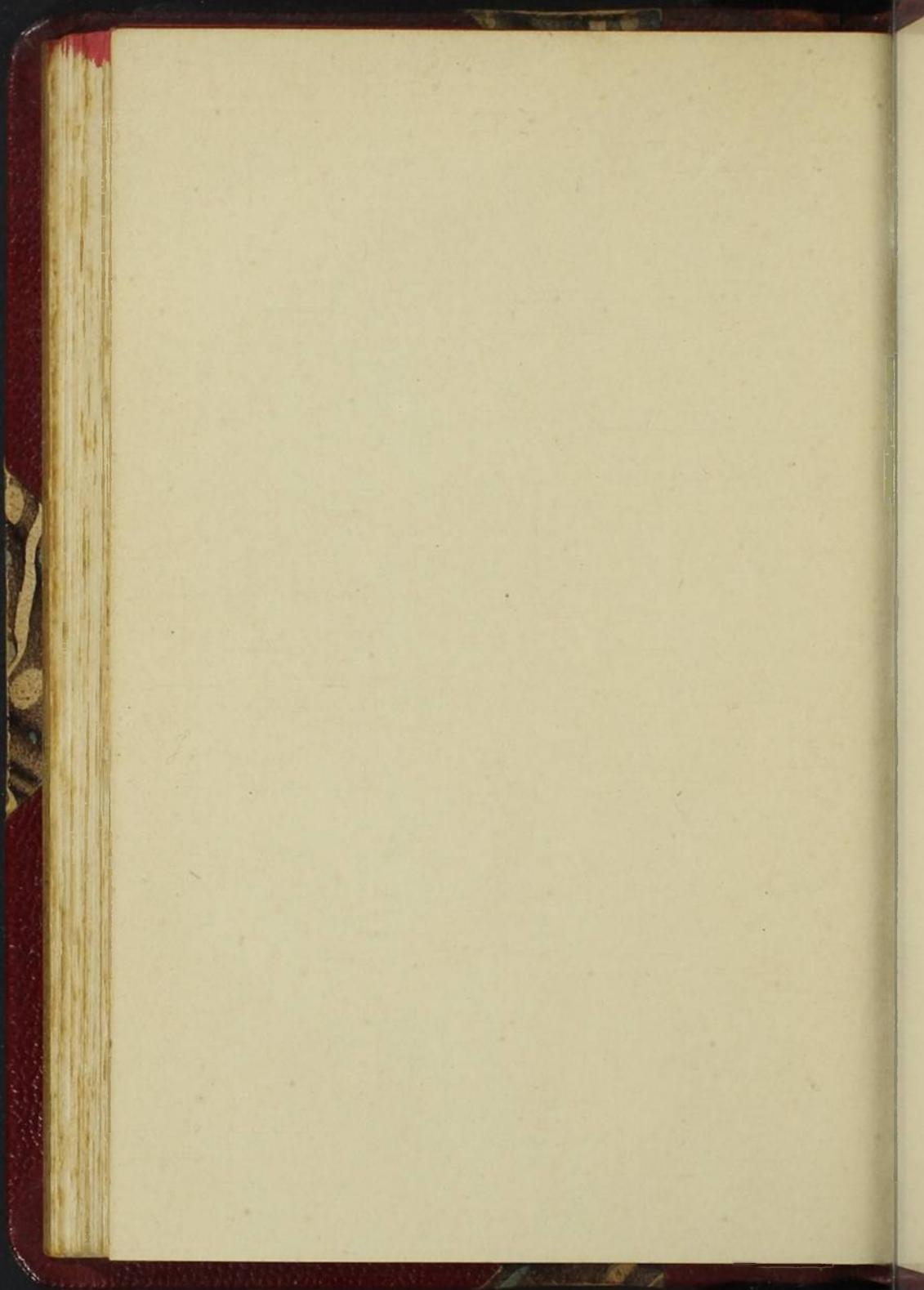


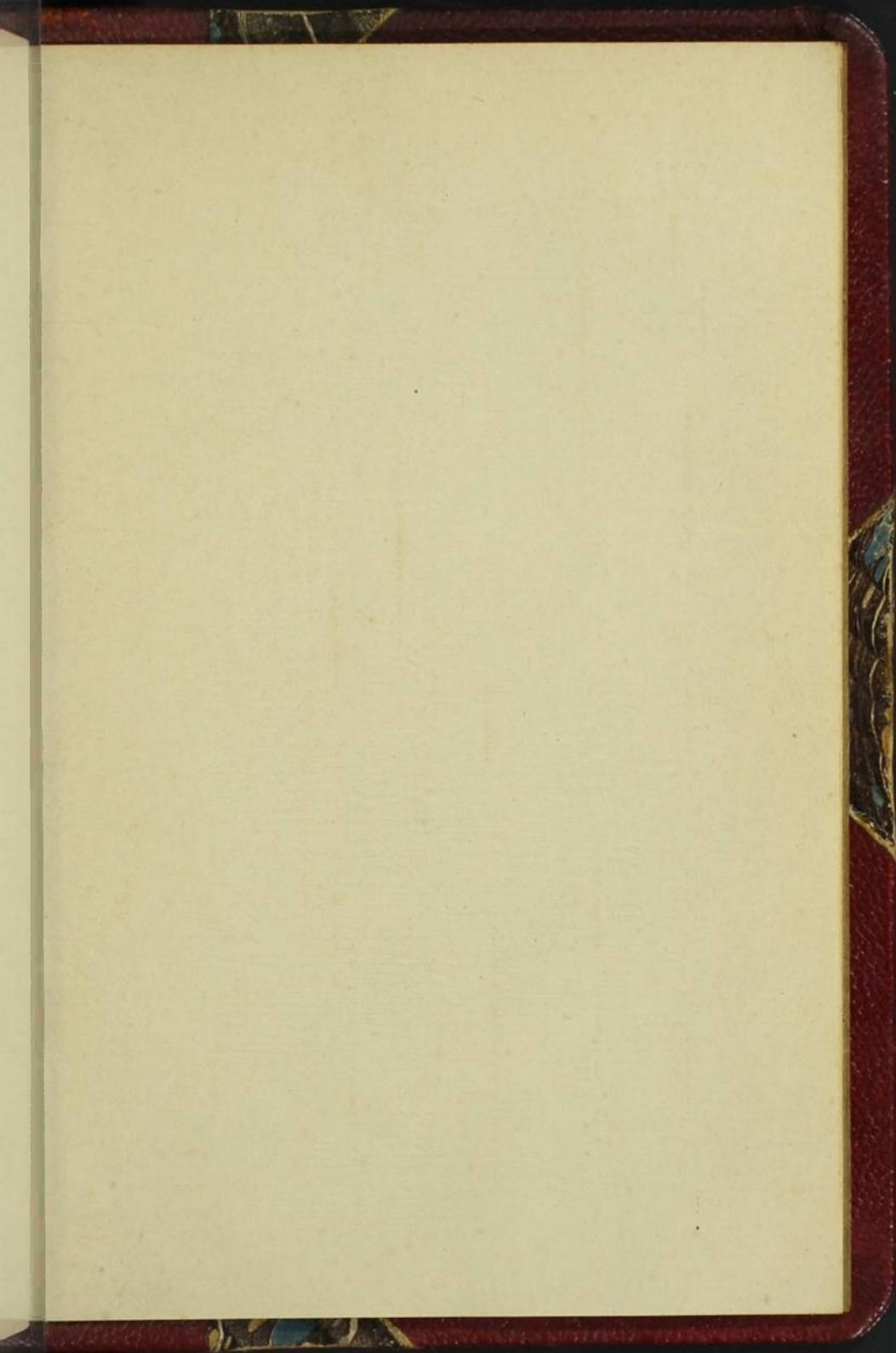


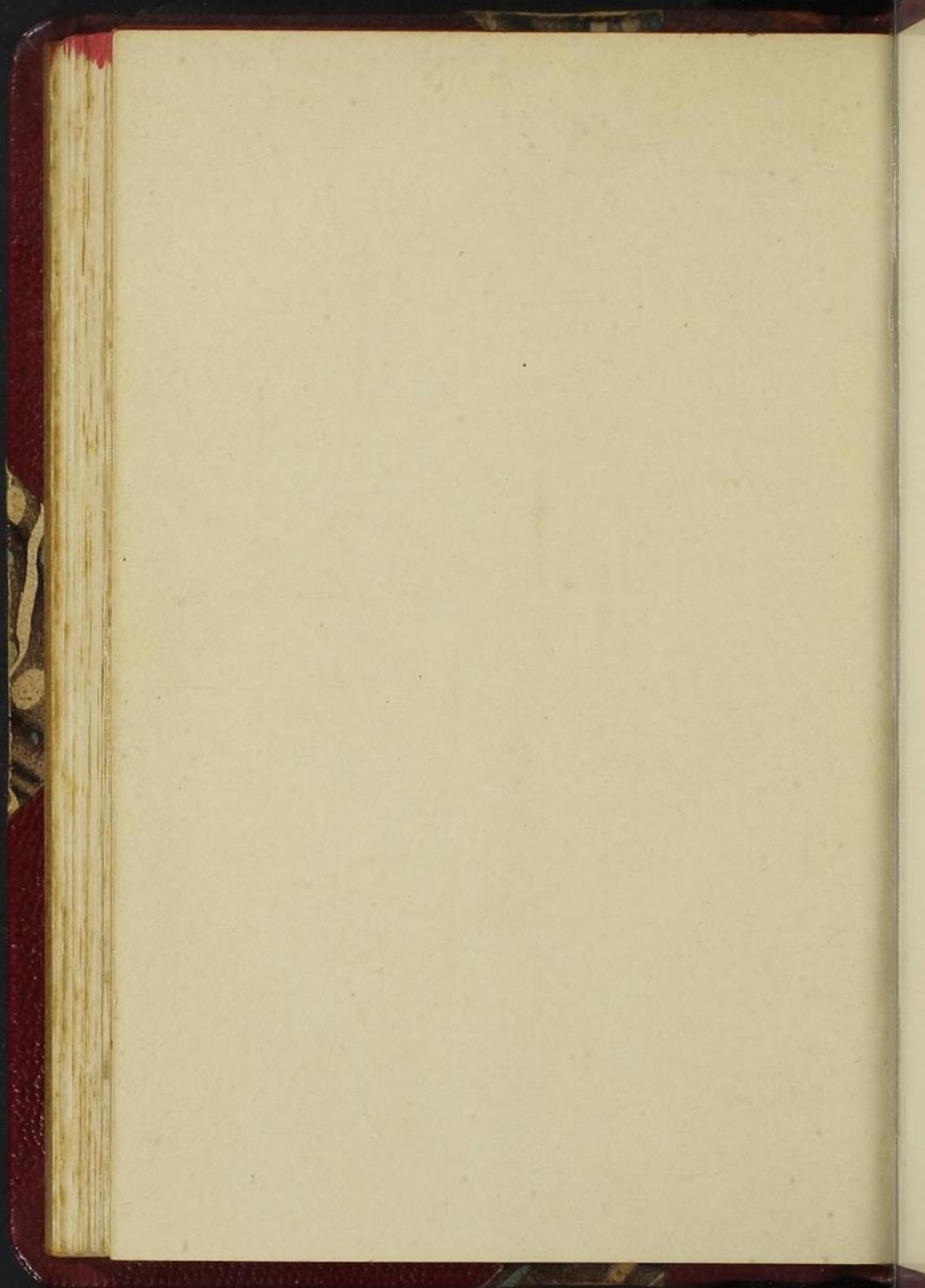


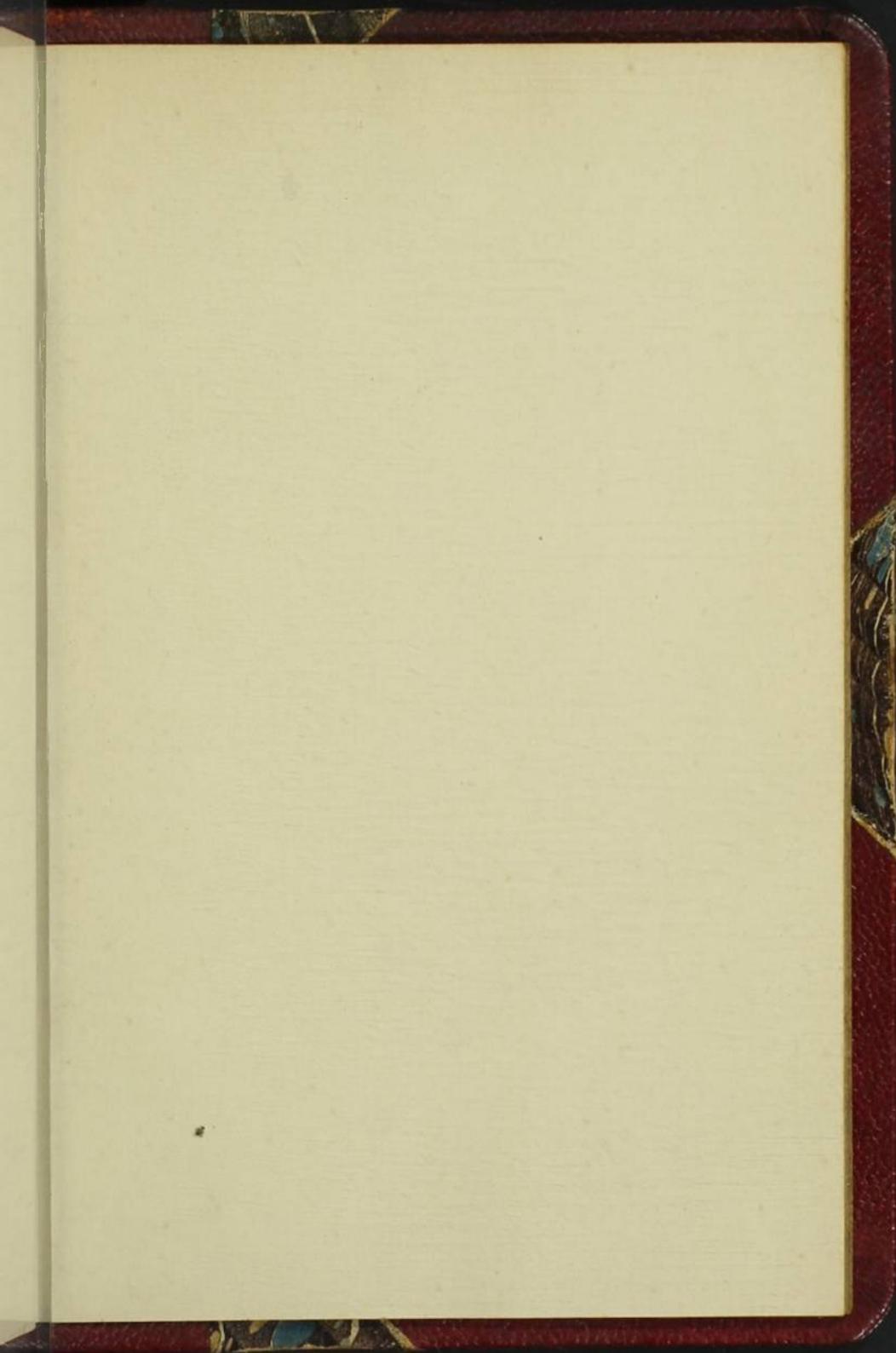


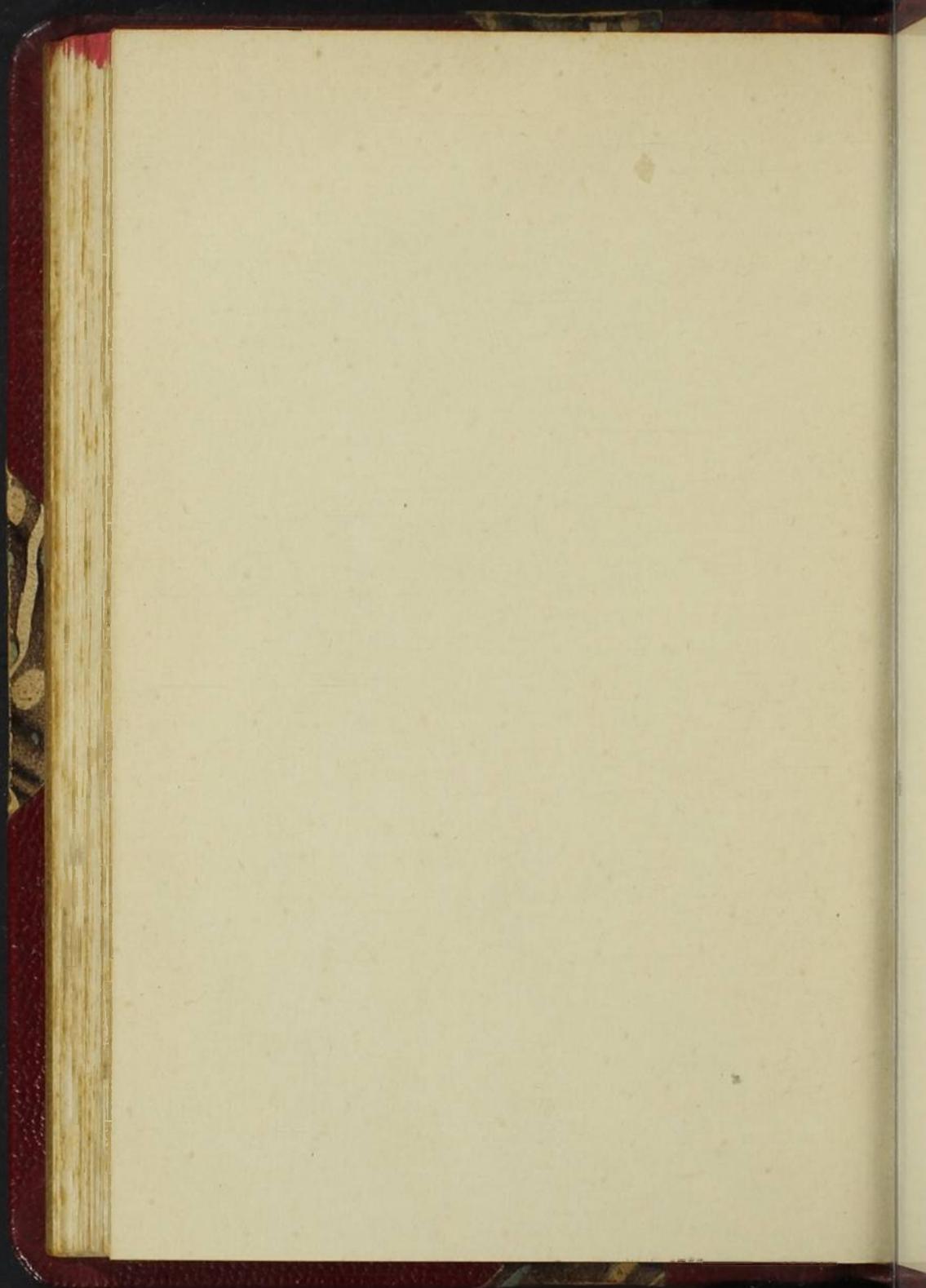


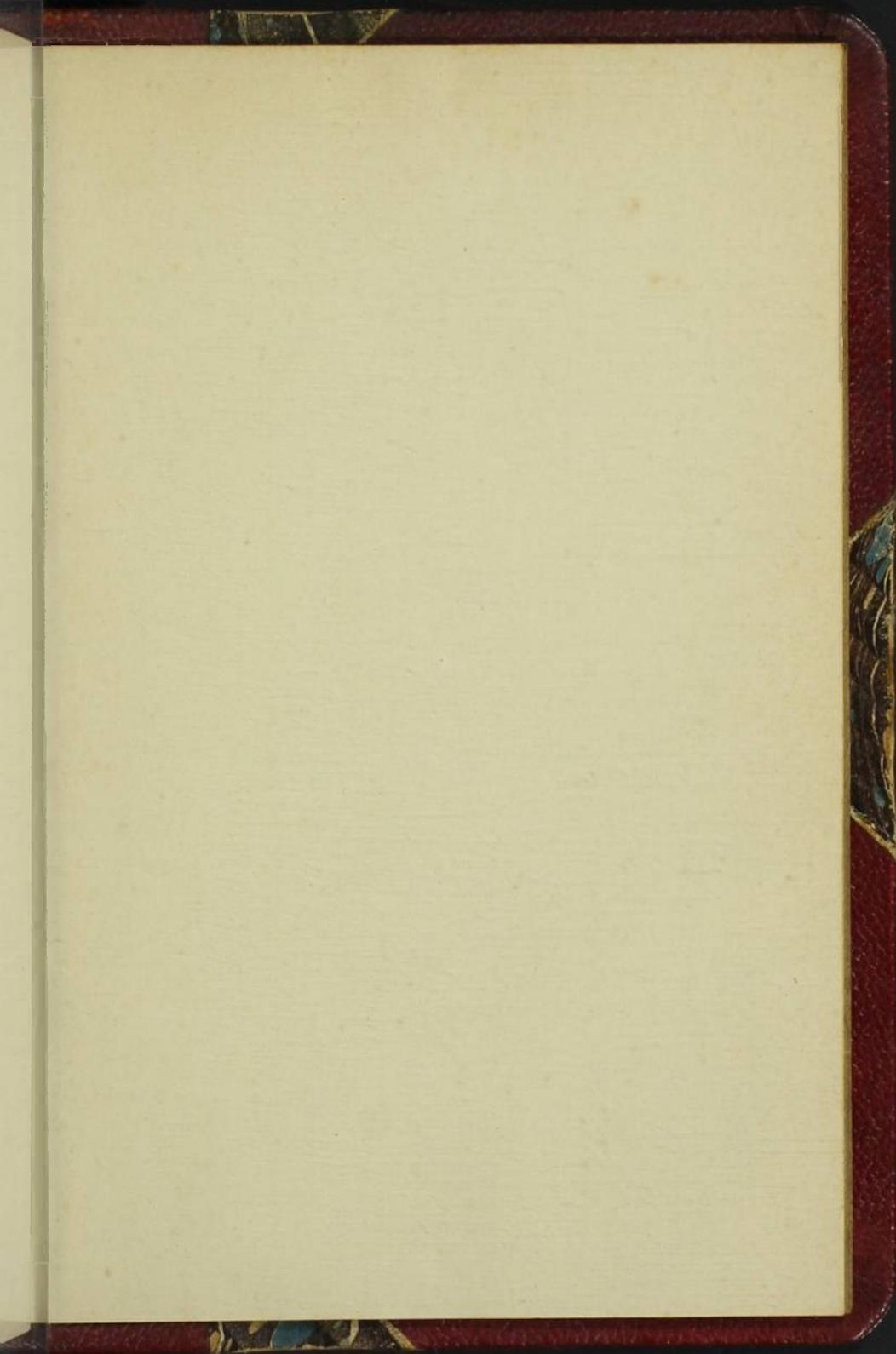


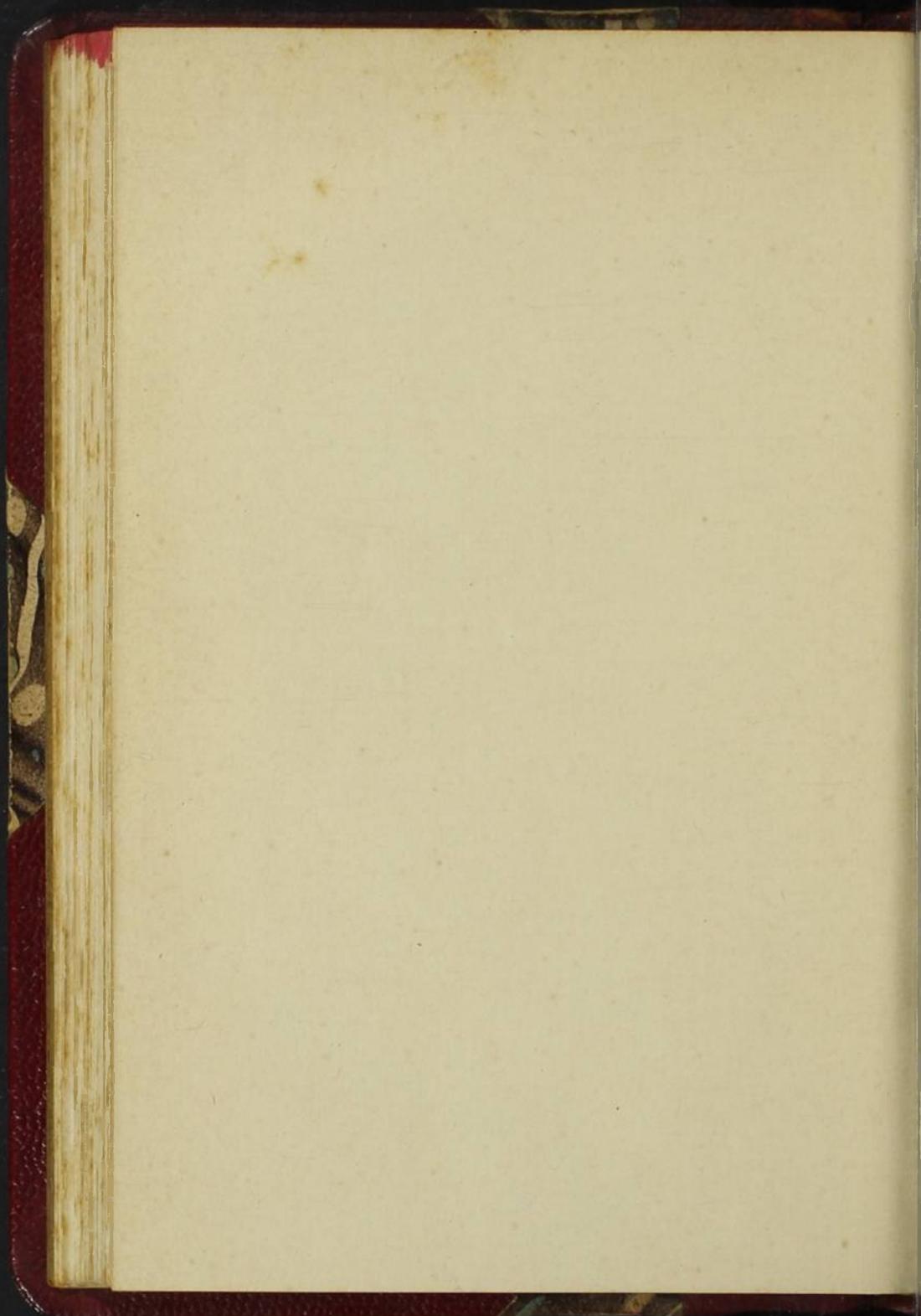


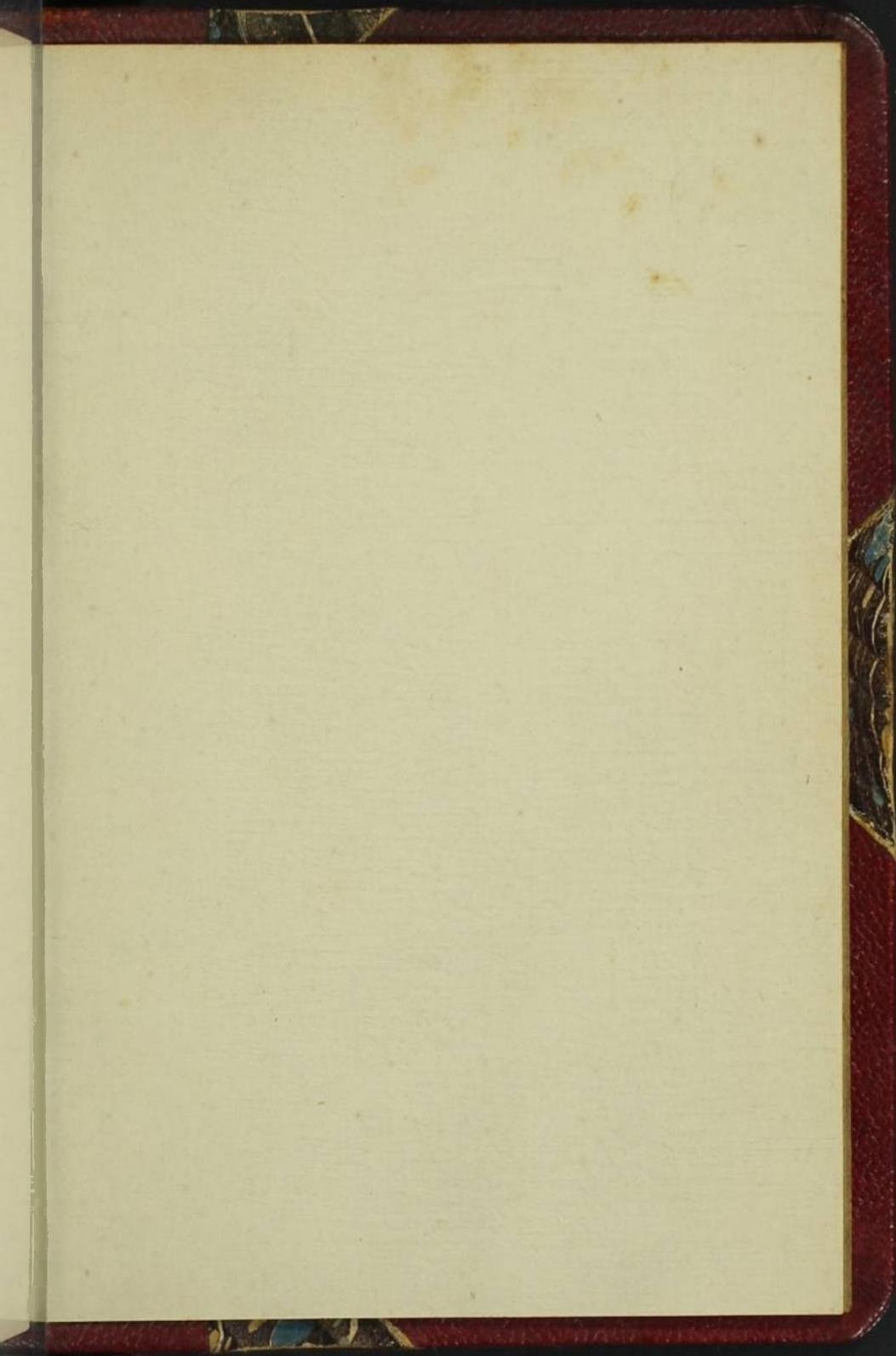












17523

6

